



CAMPUS BALSAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS

ALINE OLIVEIRA DA SILVA

**FITOTOPÔNIMOS INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE BALSAS:
UM OLHAR CULTURAL E HISTÓRICO**

Balsas - MA
2022

ALINE OLIVEIRA DA SILVA

**FITOTOPÔNIMOS INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE BALSAS:
UM OLHAR HISTÓRICO CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Balsas, para obtenção de grau em Letras - Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro.

Balsas - MA
2022

Silva, Aline Oliveira da.

Fitotopônimos indígenas no município de Balsas: um olhar histórico cultural / Aline Oliveira da Silva. – Balsas, MA, 2022.

74 f

Monografia (Graduação) - Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Balsas, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro.

1.Toponímia indígena. 2.Município de Balsas. 3.História. I.Título.

CDU: 81'373.21(=1-82) (812.1)

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/66

ALINE OLIVEIRA DA SILVA

**FITOTOPÔNIMOS INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE BALSAS:
UM OLHAR HISTÓRICO CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Balsas, para obtenção de grau em Letras - Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Célia Dias de Castro
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Balsas
(Presidente)

Profa. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – Campus Balsas
(1º Membro)

Profa. Ma. Elisângela Campos de Oliveira
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Balsas
(2º Membro)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por seu imenso amor a mim, pela saúde, cuidado e disposição que me permitiu a realização deste trabalho.

À minha família e amigos, por todo apoio e alicerce desde o início deste curso.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof.^a. Dr^a Maria Célia Dias de Castro, por me impulsionar/instruir e acreditar no meu potencial.

Ao meu noivo, Victor César, por me incentivar e acreditar no meu potencial.

Aos meus queridos amigos e colegas atemianos que corroboraram imensamente com o meu crescimento acadêmico e por sempre me motivarem ao longo da minha jornada. Obrigada Idelfonso de Sousa Jorge Júnior, Mayara Caroline Abreu e Gustavo Barbosa Guimarães por contribuírem imensamente na construção deste projeto.

Ao meu amigo Ueliton Vanderlei da Silva Júnior, pelas contribuições e auxílios nesta reta final de curso.

À UEMA e às instituições financeiras FAPEMA e CNPQ, pela oportunidade de ampliar os meus conhecimentos através das bolsas de iniciação científica.

Agradeço também a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desta monografia.

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos.”

(Eduardo Galeano)

RESUMO

A Toponímia é uma disciplina que estuda os nomes próprios de lugares e, obedecendo uma hierarquia organizada das áreas de estudo, vincula-se à Onomástica, ciência que estuda os nomes dos diversos gêneros. Seu objeto de estudo são os topônimos, nomes de lugares que expressam um sentido, desse modo, o seu uso deve partir de interações entre os usuários da língua para compreenderem os diferentes contextos das nomeações, pois o topônimo também é um signo linguístico. O presente trabalho se atém à toponímia indígena, conjunto léxico que expressa grande riqueza dessa língua, seja pela historicidade de seus troncos linguísticos, pela cultura ou pela forma como os falantes da língua expressam o uso desses termos em seu cotidiano, seja ainda pelo fato de como este léxico está presente na linguagem social das pessoas. O objetivo deste trabalho é analisar o inventário léxico-toponímico indígena do município de Balsas, em especial os fitotopônimos, e compreender como estão presentes na cultura e história da cidade. Em sua metodologia, o trabalho envolveu inicialmente pesquisas bibliográficas e documentais, seguido pelo levantamento, tabulação e análise dos dados. A partir dos estudos realizados, com a análise qualitativa dos topônimos, foi possível responder a alguns dos questionamentos e ter algumas considerações acerca do objeto de estudo, ou seja, depreendeu-se que as taxonomias indígenas estão muito inter-relacionados ao meio ambiente e que circunda os denominadores; depreendeu-se ainda que quanto mais natural o ambiente, mais há presença de termos indígenas; e a língua de origem depende desse meio e da bagagem cultural do denominador. Essa perspectiva pode atenuar a marginalidade do estudo do léxico indígena, bem como do dicionário, no ensino da língua portuguesa e no seu processo constituidor.

Palavras-chave: Inventário Toponímico Indígena. Município de Balsas. Análise. Depreensões.

ABSTRACT

Toponymy is a discipline that studies the proper names of places and, obeying an organized hierarchy of the areas of study, is linked to Onomástica, a science that studies the names of the various genres. Its object of study are the toponyms, names of places that express a meaning, so their use must start from interactions between users of the language to understand the different contexts of the appointments, because the toponym is also a linguistic sign. The present work is based on indigenous toponymy, a lexicon that expresses great richness of this language, either by the historicity of its linguistic trunks, by culture or by the way language speakers express the use of these terms in their daily lives, or by the fact that this lexicon is present in people's social language. The objective of this work is to analyze the indigenous lexical-toponymic inventory of the municipality of Balsas, especially phytotponyms, and understand how they are present in the culture and history of the city. In its methodology, the work initially involved bibliographic and documentary research, followed by data collection, tabulation and analysis. From the studies, collected and the qualiquantitative analysis of the toponyms, it was possible to answer some of the questions and have some considerations about the object of study, that is, it was found that the indigenous taxonomies depend on the environment, the environment and the choice of denominators; it was also learned that the more natural the environment, the more indigenous terms are present; and the language of origin depends on that medium and the cultural baggage of the denominator. This perspective can redeem the marginality of the indigenous lexicon, as well as the dictionary, in the teaching of the Portuguese language and in its constituting process.

Keywords: Indigenous Toponymic Inventory. City of Balsas. Analysis. Deprecations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Amostra do vocabulário de termos do Tupinambá (Tupi antigo).....	46
Quadro 2: Distribuição quantitativa dos fitotopônimos no município de Balsas.....	49
Quadro 3: Constituição sintagmática dos fitotopônimos.....	54
Quadro 4: Distribuição classificatória dos fitotopônimos na cidade de Balsas-MA.....	57
Quadro 5: Amostra da transcrição vocabular de termos do Tupinambá.....	71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Igreja Matriz de Balsas.....	28
Figura 2 - Imagem do Rio Balsas.....	29
Figura 3 - Mapeamento representativo da microrregião dos Gerais de Balsas.....	30
Figura 4 - Mulher e criança Tenetehara.....	39
Figura 5 - Sônia Guajajara.....	39
Figura 6 - Índio Tembé.....	40
Figura 7 - Índio Urubu-Kaapor.....	41
Figura 8 - Criança indígena Guajá.....	41
Figura 9 - Índio Timbira.....	42
Figura 10 - Índios Canela.....	43
Figura 11 - Adolescente Pukobyê.....	43
Figura 12 - Criança indígena Krikati.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 História da Toponímia	18
2.2 Toponímia no Brasil	18
2.3 Toponímia e o topônimo	19
2.4 O Signo toponímico	21
2.5 Motivação toponímica	22
2.6 Toponímia e cultura	23
2.7 Interdisciplinaridade da Toponímia	24
2.8 Um olhar para a memória	25
2.9 Léxico e ensino	26
2.10 Taxonomias toponímicas: o modelo classificatório de Dick	27
2.10.1 Taxonomias de Natureza Física (DICK, 1992)	27
2.10.2 Taxonomias de Natureza Antropocultural (DICK, 1992)	27
2.11 Os Atlas Toponímicos	28
3 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BALSAS	30
4 TOPONÍMIA INDÍGENA	33
4.1 Os Tenetehara	41
4.1.1 Os Guajajara	41
4.1.2 Os Tembé	42
4.1.3 Os Urubu-Kaapor	43
4.1.4 Os Guajá	44
4.2. Os Timbira	44
4.2.1 Os canela	45
4.2.2 Os Pukobyê (Gavião)	46
4.2.3 Os Krikati	46
4.3 Línguas Indígenas	47
5 METODOLOGIA	50
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	52

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
8 REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

Nomear alguém, algum lugar ou objeto é algo que acontece natural e constantemente com o ser humano em suas interações cotidianas e esse ato ele o faz sem compreender naturalmente toda a carga e significado que esse nome porta a respeito do ambiente nomeado, no momento da nomeação e posteriormente, nas interações de seus utentes. Os nomes de lugares são denominados linguisticamente como *topônimos*, que é o objeto de estudo da Toponímia, ramo da Onomástica que estuda os nomes próprios, como relata Dick (1992).

A ciência que estuda os nomes próprios de diversos gêneros, a Onomástica, é uma ciência linguística e extralinguística. Os referentes que emergem na superfície dos nomes próprios são de natureza cultural humana, ou voltados à natureza física, como no caso dos nomes que ação vegetais. Esses nomes próprios possuem uma escolha motivada pela mentalidade do homem. O seu surgimento como adjunto estruturalista e linguístico se deu na virada do século XIX e XX, assim, é uma ciência da linguagem, mas que possui caráter inter e transdisciplinar, englobando áreas da Biologia, da História, da Geografia, da Antropologia, da própria Linguística como a Epigrafia e a Paleografia, dentre outras. Assim, a Toponímia possui um caráter reconhecidamente interdisciplinar pelo fato de seus estudos irem além de nomes de lugares, os topônimos.

Juntamente com este objeto de estudo, procura-se investigar e analisar a mentalidade do denominador, por meio das motivações e do contexto em que ele está inserido. Nesse mesmo cenário, Dick (1992) já afirmava que a Toponímia se ramifica em outras áreas como a História, Geografia, Antropologia, Psicologia e até a Botânica.

Os estudos toponímicos no Brasil foram inicialmente voltados para o estudo etimológico de palavras de língua indígena, período em que se destacam autores como Theodoro Sampaio (1902), Armando Levy Cardoso (1961) e Carlos Drummond (1965), que desenvolveram estudos pioneiros com trabalhos dedicados ao estudo dos topônimos de origem Tupi e também da Toponímia brasílica de origem não Tupi, como o Caribe, Aruaco e Bororo, línguas antes não muito requisitadas nos estudos indígenas em seus aspectos históricos, com caráter sistemático e análise criteriosa; esses estudos se tornaram um marco na pesquisa toponímica. Estes autores foram desbravadores que abriram caminhos e apontaram rumos para os estudos futuros que hoje se realizam.

Dessa forma, estudar-se-á sobre o léxico, notadamente sobre a toponímia indígena, sua influência histórica e cultural na Mesorregião Sul Maranhense.

Diante do exposto, a pergunta que norteia este trabalho é:

- *Quais as principais motivações dos topônimos de origem indígena no município em análise?*

Defende-se que a toponímia indígena emprega referências principalmente a elementos da sua própria cultura natural, desse modo, é esperado que grande parte dos elementos toponímicos encontrados estejam relacionados a animais, vegetais ou outros elementos da natureza. No decorrer do percurso dessa investigação será constatado se essa premissa é verdadeira ou não.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o inventário léxico-toponímico indígena do município de Balsas, em especial os fitotopônimos, e compreender como estão presentes na cultura e história da cidade. De maneira específica, os objetivos são: identificar e elencar os macro e microtopônimos indígenas de origem vegetal (fitotopônimos) do município de Balsas; confeccionar a ficha lexicográfica toponímica desses topônimos conforme a metodologia do ATB em planilha Excel e Word; identificar relações entre os topônimos, os lugares, o processo denominador e os contextos socioculturais dos denominadores; socializar e expandir esses conhecimentos, em Língua Portuguesa, explorando os aspectos socioculturais e históricos desse léxico.

A principal motivação para este estudo surgiu a partir da participação no projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA – em andamento na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. A partir da pesquisa resultante surgiu a curiosidade de aprofundar-se ainda mais no estudo dos elementos toponímicos de origem indígena, visto que a ocorrência desses topônimos é algo intrínseco à cultura local dos habitantes e seus antepassados. Desse modo, o presente estudo busca investigar as marcas deixadas pelas línguas indígenas na toponímia no município de Balsas, a fim de compreender melhor esse fenômeno.

Em vista disto, este trabalho não somente analisa os topônimos do município de Balsas, o elemento específico propriamente, como também se aprofunda nas riquezas presentes nos elementos genéricos, pois por trás de cada um deles encontra-se uma história, língua, sentimento, uma real vivência para aquele que o atribuiu a um lugar. Assim, a Toponímia, através de seus estudos, é dedicada não somente em resgatar as origens dos nomes propriamente ditos, mas a herança social e cultural indígena adentrada em cada topônimo do município de Balsas.

O trabalho está organizado em 8 capítulos. No primeiro capítulo, está descrita a fundamentação teórica tida como base para o embasamento para elaboração do corpus desta pesquisa. No segundo capítulo é descrito uma breve apresentação do histórico do município de Balsas e dados referentes ao município foco desta pesquisa. No capítulo posterior destaca-se a

toponímia indígena, sua história, línguas indígenas e troncos linguísticos presentes no Maranhão. No capítulo seguinte abordam-se os processos metodológicos referentes aos processos de elaboração do presente trabalho. No quarto capítulo são elencados os resultados e discussões acerca dos dados obtidos durante a pesquisa, assim como as respectivas análises. Logo após são apresentadas as conclusões alcançadas durante o processo formador deste trabalho, seguido por fim das referências utilizadas na construção desta pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Onomástica, porém, é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população. (Dick, 2007, p. 144).

Neste capítulo, apresenta-se o referencial que serve de embasamento e traço definidor para este trabalho, evidenciando o campo de conhecimento já estabelecido para esta pesquisa, desde a ciência Toponímia, com um percurso pelo topônimo, pela toponímia indígena, pelos aspectos culturais e históricos, chegando ao léxico e ao ensino que também se utiliza desse léxico como escopo.

Inicialmente, reflete-se sobre a linguagem, que reflete a história e as manifestações socioculturais de uma comunidade, sendo “concebível que um sistema de hábitos venha se alterar com o tempo, respondendo às mudanças nas necessidades de seus usuários” (LYONS, 1981, p. 08). O ambiente em que vivemos está associado diretamente às influências do pensamento humano e com isso podemos perceber que a língua(gem) é adaptável e influenciada pelo ambiente.

Os usos e costumes da língua se aprimoram e, segundo Marques (*apud* SOUSA, 2010, p. 13), essa língua é reflexo da vida de um povo, é o espelho polido que retrata as qualidades cívicas e morais, enfim, todas as atividades que se relacionam com o homem nela transparecem.

Para Sapir (1969), se o ambiente físico característico de um povo assim se reflete em grande parte da língua, o mesmo acontece até com maior amplitude em relação ao ambiente social; o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuarem sobre ele as forças sociais.

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que acomodam a atenção da comunidade; e por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado (SAPIR, 1969, p. 44).

Podemos depreender que muitos elementos da cultura de um povo estão ligados às influências do ambiente, e a cultura vai se instituir a partir dos conhecimentos que são adquiridos socialmente. Porém devemos identificar e estabelecer uma diferença entre os sinais linguísticos verbais como os termos de um inventário lexical que se materializam em um texto

- que pode ter uma configuração híbrida com toda uma plasticidade, na linguagem - e o meio em que tais sinais se realizam na comunidade. (MARCUSCHI, 2003).

2.1 História da Toponímia

O surgimento da Toponímia como disciplina sistematizada iniciou-se na França, no ano de 1878, quando Auguste Longnon fundamentou suas pesquisas na *École Pratique des Hautes Études* e no *Collège de France*. Em seguida, no ano de 1922, Albert Dauzat realizou uma pesquisa sobre os nomes de lugares da França, retomando os estudos de Longnon. Dauzat publicou obras de suma importância para o avanço dessa disciplina como *Chronique de Toponymie* (1922) e *Les Noms de Lieux* (1929).

Em 1938, Dauzat promoveu o *I Congresso Internacional de Toponímia e Antropónímia* com a presença de 21 países que tratavam desde as realizações periódicas dos congressos internacionais de Toponímia e Antropónímia, até a sistematização dos processos de pesquisa. Alguns países como Inglaterra, Itália e Bélgica tiveram pesquisadores que se dedicaram aos estudos toponímicos. Os Estados Unidos e o Canadá produziram competentes estudos toponímicos atuais, por meio da atuação de diversos estudiosos e de órgãos especializados.

A revista *Names*, publicação oficial da *American Name Society*, tem alguns de seus objetivos, “o estudo da etimologia, origem, significado e aplicação de todas as características do nome: ortográfico, pessoal, científico, comercial e popular, e a divulgação desses resultados” (DICK, 1990, p. 2). Há os trabalhos de George Stewart, que “enfocam os meios ou mecanismos pelos quais os lugares são nomeados, apontando, deles, nove categorias discriminativas” (DICK, 1990, p. 2).

Em Portugal, José Leite de Vasconcelos deu uma grande contribuição, já que foi responsável pela divisão dos estudos toponímicos em três secções maiores: nomes de lugar, classificados por línguas; modos de formação topográfica; categorias de nomes, segundo as causas que lhes deram origens.

2.2 Toponímia no Brasil

No Brasil, os estudos toponímicos foram inicialmente voltados para o estudo etimológico de palavras de língua indígena. Destacam-se nesse processo Theodoro Sampaio (1902), Armando Levy Cardoso (1961) e Carlos Drumond (1965).

Preliminarmente, Theodoro Sampaio, autor de *O Tupi na Geografia Nacional* (1901), foi o pioneiro nos estudos toponímicos no Brasil com seu trabalho dedicado ao estudo dos topônimos de origem Tupi, sobre seus aspectos históricos, com caráter sistemático e análise criteriosa, que se tornou um marco nesses estudos. Sampaio foi um desbravador que abriu caminhos e apontou rumos para os estudos futuros da Toponímia, como afirma Cardoso (1961). Vale ressaltar que este autor não foi um linguista.

Mais à frente, Levi Cardoso trouxe a obra *Toponímia Brasílica* (1961), que se propôs a estudar a Toponímia brasílica de origem não Tupi, sobretudo Caribe, Aruaco e Bororo, línguas antes não muito requisitadas nos estudos indígenas. Este autor fazia parte da Comissão Brasileira de Limites do Setor Norte, onde esteve em contato direto com os indígenas e estudou sua língua.

Carlos Drumond destaca a Contribuição do Bororo à toponímia brasílica:

À posição da Toponímia no Brasil, tradicionalmente incorporado realizações assistemáticas, mais a título de curiosidade, sem métodos apropriados, visando, em sua grande maioria, “por em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi”, para concluir que, em face dessas evidências, “na realidade, não possuímos ainda toponimistas” (DRUMOND 1965 *apud* DICK, 1992, p.04).

Em seguida, Maria Vicentina do Amaral Dick realizou pesquisas que trouxeram contribuições para o contexto da Toponímia brasileira. Autora de obras seminais como *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990) e *Toponímia e Antropónímia no Brasil: coletânea de estudos* (1992), baseou-se nos estudos que a antecederam no Brasil, como os de Theodoro Sampaio e Levi Cardoso; trouxe para a Toponímia contribuições teóricas e metodológicas muito importantes, sobretudo os modelos taxonômicos voltados para o contexto toponímico brasileiro.

2.3 Toponímia e o topônimo

Whitney (*apud* CASTRO, 2012) afirma que a palavra não é um reflexo de uma ideia, nem sua descrição, nem sua definição, mas a sua designação, um signo “arbitrário e convencional” que aprendemos a associar.

A partir dos pressupostos de Saussure, Castro (2012) afirma que “a língua é forma, é imanência, é o principal meio de manifestação da linguagem e o objeto da Linguística; a inteligência, uma capacidade do pensamento; a linguagem, uma capacidade inata de aprender língua, a norma social para a manifestação da linguagem tanto social quanto individual”.

Neste sentido, apresentamos a Toponímia, uma das muitas ramificações da Onomástica, ciência que se interessa pelos estudos dos nomes próprios de pessoas, de lugares entre outros segmentos como a Zoonímia (estudo dos nomes dos animais), a Fitonímia (estudo dos nomes das plantas), Oronímia (estudo dos nomes dos acidentes que representam elevações), por exemplo. A Onomástica e, consequentemente, a Toponímia enxergam os nomes não somente como meros nomes dados aleatoriamente ou sem significação, mas como um repertório de informações e memórias dos falares ao longo do tempo, como relata Dick (2007):

A Toponímia possui como objeto de estudo o topônimo que, segundo Dick (1992), liga-se ao acidente geográfico que o identifica, constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor distinguir os seus termos formadores. Dois dados básicos se formam a partir deste conceito: o termo ou elemento genérico, relativo à entidade geográfica que irá receber a nomeação; e o elemento ou termo específico ou topônimo propriamente dito, que corresponde ao nome da determinada localidade, identificando-o e singularizando-o em relação a outros semelhantes.

A Toponímia é uma disciplina que está relacionada às demais disciplinas, notadamente em uma relação cultural, já que o processo de nomeação consiste em histórias locais de uma determinada região nomeada. Segundo Castro (2017, p. 114-115) “o objetivo da Toponímia consiste em discutir e explicar os processos de nomeação dos lugares, a motivação das escolhas, os aspectos de natureza cultural e linguística desses nomes”.

Os topônimos expressam um sentido, desse modo o seu uso deve partir de interações entre os usuários da língua para compreenderem os diferentes contextos das nomeações, pois o topônimo também é um signo linguístico e, de acordo com sua estrutura, pode conter um significado e sentido transparentes. O topônimo é o instrumento principal para o ponto de partida do estudo toponímico. Segundo Dick (1992), o topônimo é o nome dos lugares, e as informações diversificadas dele extraídas acabariam por tornar a matéria um repositório de fatos culturais de amplitude considerável.

Castro (2016, p. 27) ressalta que “os topônimos referem um lugar único situado espacialmente em determinada localidade, embora possa haver a repetição de nomes de lugares”, sendo esta uma função primordial desse termo da língua.

Eles portam uma relação harmônica entre o acidente geográfico, local nomeado, e a motivação do denominador. Na sua formação, é mantida uma relação de simbiose, como afirma Dick (1992), entre o elemento genérico, que se refere ao acidente geográfico (natureza física e antropocultural) e o elemento específico, que é o próprio topônimo e expressa a singularidade do local.

O topônimo também pode se caracterizar, de acordo com sua formação, como o topônimo ou elemento específico simples, que se caracteriza por apenas um só formante, podendo apresentar sufixações, por exemplo, *Almas* (PR), *Alminhas* (RS), *Azeitão* (MA); o topônimo composto ou elemento específico composto apresenta mais de um elemento formador, por exemplo, *Lava Roupa* (GO), *Duas e Dois* (BA); e o topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências, cuja formação mais comum no Brasil é língua portuguesa + língua indígena ou língua indígena + língua portuguesa, por exemplo, *Lajinha do Mutum* (MG), *Lambari do Meio* (SP).

A nomeação de um espaço geográfico entrelaça muitas intenções, pois dar nomes a lugares faz parte da cultura humana, é uma necessidade de localização, orientação, mas também é uma demarcação de posse territorial.

2.4 O Signo topônímico

Para que haja interação verbal entre indivíduos, necessita-se do uso de signos linguísticos, o qual possibilite o transporte de informações entre eles, sujeito falante e língua, pois a língua organiza-se num campo de interação onde o léxico, uma das faces da língua, “representa os elementos da realidade existencial, sociocultural, histórica, ambiental, seja real ou imaginária; e a gramática, a organização dos elementos constituidores da língua, no eixo sintagmático” (CASTRO, 2017, p. 112). Saussure (1995 [1916], p. 80) afirma que o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), que seus termos são psíquicos e o conceito faz suscitar no cérebro a imagem acústica (não material) que corresponde ao conceito”. Esse princípio, independente de sua simplicidade, o funcionamento da língua dele depende, ao utilizar a sequência dos signos em cadeia, o que forma um mecanismo que possibilita a compreensão da língua. Esta relação de caráter linear gera “certa ordem de valores” que corresponde a formas de organização de nossa mente e evita a enunciação de dois elementos simultaneamente, em que cada um é escolhido pelo seu valor significativo. (CASTRO, 2012).

Esse mesmo conceito cabe à Toponímia, como relata Castro (2017, p.116) “os topônimos são nomes fundamentais no processo interativo homem-língua-meio por identificarem particularmente as entidades geográficas com que convivem os utentes da língua”. Por sua vez, “O léxico é constituído por signos da língua, em que os signos verbais são a representação da realidade no processo de interação”. (CASTRO, 2017, p. 112).

Os signos linguísticos possuem uma função especial nas ciências onomasiológicas, sendo o que os diferencia quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo.

o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores. (DICK, 1992, p.10)

Essa relação binômica, como mencionado anteriormente, é caracterizada pela ligação de um topônimo a um elemento geográfico ou genérico que o qualifica, ou seja, o elemento genérico, como relata Dick (1992, p. 10), diz respeito “à entidade geográfica que irá receber a denominação”. O topônimo, por outro lado, define-se como elemento específico que nomeará determinado ambiente. Esses dois componentes juntos, dão origem a um nome geográfico, tendo como exemplo Riacho *Sumaúma* (Davinópolis-MA), onde “riacho” é o elemento geográfico, mas o que o diferencia dos outros riachos é *Sumaúma*, o topônimo escolhido para defini-lo como único naquele determinado local.

2.5 Motivação toponímica

A nomeação de um espaço geográfico entrelaça muitas intenções, pois dar nomes a lugares faz parte da cultura humana, é uma necessidade de localização, orientação, mas também demarcação de posse territorial. Essa necessidade muitas vezes determina o ato de nomeação, influenciando na gênese desses signos específicos da linguagem. Dick defende a não arbitrariedade do signo topônimo:

Muito embora seja ao topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1992, p. 18).

Guiraud (1989, p. 28) afirma que “qualquer nova criação verbal é necessariamente motivada, toda palavra é sempre motivada em sua origem, e ela conserva tal motivação, por maior ou menor tempo, segundo os casos, até o momento em que acaba por cair no arbitrário, quando a motivação deixa de ser percebida”. A motivação, para Guiraud, é um dos caracteres fundamentais da palavra, e está dividida em motivação externa, que acontece “quando ela repousa sobre uma relação entre a coisa significada e a forma significante, fora do sistema

linguístico” (1989, p. 29). Essa motivação pode ser fonética, direta e natural como no caso de onomatopeias, em que a significação é substituída como na metáfora. E motivação interna quando tem sua fonte no interior do sistema linguístico, como a motivação morfológica de *banana* > *bananeira*. Ressaltando que Castro (2012) relata que a perda de motivação, ou seja, a desmotivação é necessária em proveito das alterações de sentido.

Segundo Dick (1992, p. 18), na Toponímia transparece um duplo aspecto da motivação:

a - primeiro, na intencionalidade do denominador, as várias circunstâncias que o levaram a intitular tal acidente geográfico;

b - segundo, a origem semântica de tal termo, o significado que revela e a etimologia que apresenta.

Esses dois aspectos do fenômeno motivador dos topônimos configuram-se, segundo a autora, como perspectivas no estudo da Toponímia e irão, realmente, influir na formalização das taxonomias dos nomes dos lugares.

2.6 Toponímia e cultura

A Toponímia é uma disciplina que está relacionada às demais disciplinas, gerando uma relação diretamente cultural, já que o processo de nomeação consiste em histórias locais de uma determinada região nomeada. Segundo Castro (2017, p. 114-115) “o objetivo da Toponímia consiste em discutir e explicar os processos de nomeação dos lugares, a motivação das escolhas, os aspectos de natureza cultural e linguística desses nomes”. Dick (2007b, p. 144 *apud* Castro, 2017, p. 115) afirma que a Toponímia “é muito mais do que um fator que auxilia determinado indivíduo a viver individual ou coletivamente, mas sim um indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população”.

A cultura pode ser definida como a concepção do homem sobre seu meio, sobre si mesmo com uma visão de transformação maior. A cultura de um povo está intimamente relacionada com a linguagem transmitida por cada falante, sabendo que tal indivíduo carrega consigo mesmo sua origem, suas crenças, sua compreensão de mundo, mas acima de tudo sua história, que acaba por influenciar gradativamente o cotidiano da sociedade. Quando se estuda o léxico africano, por exemplo, resgatam-se os costumes, a arte, a língua, a cultura de um povo de origem distante, mas que passa a ter uma real significância para a história de outra civilização.

Estudar o léxico implica resgatar a cultura de um povo, tendo em vista ser esse repertório a interface da língua que melhor registra “o modo como um povo vive e representa a realidade em que vive, podemos entender que o vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e também a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas de sua história” (ISQUERDO, 2003, p.165).

A nomeação de uma localidade reflete o início e a evolução do local nomeado, fazendo a cultura do ambiente tornar-se um aspecto importante e essencial para o processo de nomeação de cada elemento genérico. Como afirma Biderman (2001, p. 179 *apud* SOUSA, 2008, p. 01), “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”.

2.7 Interdisciplinaridade da Toponímia

A Toponímia é uma disciplina voltada para diversas áreas do conhecimento, como a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e muitas outras, de acordo com a formação intelectual do pesquisador. Para Dick (1992), no âmbito da disciplina, a Toponímia apresenta fenômenos de cunho universal, aquilo que é comum entre ela e as demais disciplinas. Por outro lado, retrata particularidades de um determinado espaço, desde que esse meio envolva o homem que o ocupou. Nunes e Andrade ressaltam que: “A interdisciplinaridade é vista como o ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude frente aos problemas de ensino e pesquisa e aceleração do conhecimento científico” (NUNES e ANDRADE, 2012, p. 01).

Assim, verifica-se que a interdisciplinaridade da Toponímia é um eixo que integra conhecimento, investigação, intervenção e uma forte reciprocidade entre as disciplinas, que visa suprir as necessidades sentidas pelo âmbito escolar. Dick (1992, p. 17) ressalta que “a Toponímia [...] é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”.

2.8 Um olhar para a memória

Pierre Nora (1984, p. 21) diz que “os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração”.

Os lugares de memória, segundo Nora (1984), “são lugares, com efeito em três sentidos da palavra que são: material, simbólico e funcional”. Ele explica que o lugar de memória é material por apresentar um conteúdo demográfico, o mesmo seria funcional por hipótese, pois garantiria uma cristalização da lembrança e sua transmissão, mas também simbólica por definição, visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número. Nora afirma ainda que o que os constitui é um jogo de memória e da história, uma interação dos dois fatores sobre determinação recíproca, “mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente para uma chamada concentrada da lembrança” (NORA, 1984 p. 21).

Em relação a esse contexto, a toponímia se caracteriza nos três sentidos por se estabelecer materialmente; se constitui funcional por esses nomes estarem cristalizados na lembrança, atualmente, através de escritos de diversos autores que têm se dedicado aos estudos antropológicos, no mundo; e simbólica pelo fato de os topônimos indígenas estarem presentes na sociedade mesmo que desapercebidos pela mesma.

Por isso, para se compreender a toponímia, sua história e memória, “inicialmente, é preciso ter vontade de memória”. (NORA, 1984).

2.9 Léxico e ensino

Esta investigação também deve contribuir para levantar os topônimos do município de Balsas, sistematizando e resgatando os diversos extratos de línguas, culturas e histórias por meio desse inventário léxico para formar um banco de dados. Esse banco de dados deve contribuir na identificação linguístico-cultural e histórica do processo de constituição do povo deste território.

Ressalte-se que, para que haja interação verbal entre indivíduos, necessita-se do uso de signos linguísticos, os quais possibilitam a troca de informações entre eles, pois a língua organiza-se num campo de interação onde o léxico “representa os elementos da realidade existencial, sociocultural, histórica, ambiental, seja real ou imaginária; a gramática, a organização dos elementos constituidores da língua, no eixo sintagmático” (CASTRO, 2017, p. 112). Nessa mesma linha do léxico, cabe à subárea Onomástica na qual a Toponímia está inserida, e nesse campo, como relata Castro (2017, p.116) “os topônimos são nomes fundamentais no processo interativo homem-língua-meio por identificarem particularmente as entidades geográficas com que convivem os utentes da língua”.

Dessa forma, “O léxico é constituído por signos da língua, em que os signos verbais são a representação da realidade no processo de interação”. (CASTRO, 2017, p. 112)

Cabe ao componente Língua Portuguesa da BNCC (2018) proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais constituídas pela linguagem oral, escrita e por outras linguagens. No âmbito desse documento, cabe ao estudo do léxico considerações no tange ao estilo e às variedades linguísticas e a alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero.

Em virtude do que foi apresentado pela LDB e pela BNCC, pretende-se apresentar, numa perspectiva da interdisciplinaridade, o ensino e aprendizagem de Toponímia indígena, precisamente do léxico onomástico - face da linguagem que é foco desta pesquisa.

Dessa forma, os topônimos são termos lexicais e fazem parte de uma face da língua que sustenta as interações, sendo a gramática a outra face da língua. Conhecer o léxico é fundamental para também se conhecer a língua, o que deve ser avaliado e trazer estes estudos para o centro do ensino de língua portuguesa, nas escolas.

2.10 Taxonomias toponímicas: o modelo classificatório de Dick

Os modelos taxonômicos revisados por Dick (1992) são voltados para o contexto toponímico brasileiro. A autora apresenta um sistema que se divide em 27 (vinte e sete) categorizações, sendo 11 (onze) taxonomias de natureza física, sem intervenção humana e 16 (dezesseis) taxonomias de natureza antropocultural, provocadas pelo homem. A seguir, a apresentação das 27 taxonomias de Dick (1992).

2.10.1 Taxonomias de Natureza Física (DICK, 1992)

- a. Astrotopônimos – corpos celestes em geral: *Estrela D’alva* (MA)
- b. Cardinotopônimos – posições geográficas em geral: *Igarapé do Meio* (MA);
- c. Cromotopônimos – escala cromática: *Lago Verde* (MA);
- d. Dimensiotopônimos – dimensões de acidentes geográficos: *Alto Parnaíba* (MA);
- e. Fitotopônimos – vegetais: *Bacuri* (MA);
- f. Geomorfotopônimos – formas topográficas: *Colinas* (MA);
- g. Hidrotopônimos – acidentes hidrográficos em geral: *Lagoa do Mato* (MA);
- h. Litotopônimos – minerais: *Pedreiras* (MA);

- i. Meteorotopônimos – fenômenos atmosféricos: *Relâmpago* (MA);
- j. Morfotopônimos – formas geométricas: *Ilha Quadrada* (RS);
- k. Zootopônimos – animais: *Raposa* (MA);

2.10.2 Taxonomias de Natureza Antropocultural (DICK, 1992)

- a. Animotopônimos ou nootopônimos – vida psíquica e espiritual: *Fortuna* (MA);
- b. Antropotopônimos – nomes próprios individuais: *Coelho Neto* (MA);
- c. Axiotopônimos – títulos e dignidades: *Barão de Grajaú* (MA);
- d. Corotopônimos – cidades, países, estados, regiões: *Alto Alegre do Maranhão* (MA);
- e. Cronotopônimos – indicadores cronológicos: *Sítio Novo* (MA);
- f. Ecotopônimos – habitação em geral: *Carutupera* (MA);
- g. Ergotopônimos - elementos da cultura material: *Balsas* (MA);
- h. Etnotopônimos – elementos étnicos: *Timbiras* (MA);
- i. Dirrematopônimos – frases ou enunciados linguísticos: *Há Mais Tempo* (MA);
- j. Hierotopônimos – santos e santas: *Santa Filomena do Maranhão* (MA).

Essa categoria subdivide-se em hagiotopônimos: topônimos relativos a santos e santas: Santa Rita, Santana (MA); mitotopônimos: topônimos relativos a entidades mitológicas: Jurupari (AM);

- k. Historiotopônimo – movimentos de cunho histórico: *Bequimão* (MA);
- l. Hodotopônimos – comunicação urbana e rural: *Alcântara, Passagem Franca* (MA);
- m. Numerotopônimos – adjetivos numerais: *Primeira Cruz* (MA);
- n. Poliotopônimos – vocábulos vilas, aldeia, cidade, povoação: *Aldeias altas* (MA), *Centro Novo do Maranhão* (MA);
- o. Sociotopônimos – Atividades profissionais, locais de trabalho e ponto de encontro de comunidade: *Bom Jardim* (MA), *Mirador* (MA);
- p. Somatopônimos – partes do corpo humano ou animal: *Pé de Galinha* (MA).

Esse modelo taxonômico apresentado por Dick é um conjunto mais adequado à representação das motivações toponímicas brasileiras, refletindo este ambiente e a cultura de seu povo.

Os topônimos estão ligados aos motivos de sua denominação e neles refletem-se a época e os costumes que envolvem a cultura de seu povo. Assim, os aspectos semânticos fazem a ligação dos verdadeiros motivos responsáveis pela nomeação, preservando a cultura de determinada sociedade (DICK, 1990, p. 185).

Esses topônimos podem ser organizados de modo a representarem um recorte da paisagem geográfica num texto semiótico no formato de mapas, que organizados estruturalmente em unidades constituem os atlas toponímicos. A esse respeito, veja-se como iniciaram os atlas toponímicos no Brasil, na subseção que segue.

2.11 Os Atlas Toponímicos

Os estudos toponímicos no Brasil começaram a ganhar maior visibilidade com os estudos de Maria Vicentina do Amaral Dick, que inovou a Toponímia trazendo suas taxonomias e tem contribuído significamente com projetos como o do Atlas Toponímico do Brasil (ATB), que foi apenas gestado, e o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP). Sobre os Atlas, Cavalcante (2016, p. 16) ressalta:

Os Atlas registram a toponímia oficial de uma localidade (município, estado, região, país) extraída de folhas topográficas e mapas oficiais, e seu objetivo é demonstrar em que localidades há maior ou/e menor influência do ambiente físico ou social dos designativos ou topônimos, as camadas dialetais formadoras dos nomes, a motivação toponímica, a etimologia, dentre outros aspectos (CAVALCANTE, 2016, p. 30).

Diversos projetos de Atlas Toponímicos estão sendo realizados no Brasil, baseados em variantes regionais do Atlas Toponímico do Brasil (ATB), como o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), o Atlas Toponímico do Estado do Paraná (ATEPAR), o Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul (ATEMS), o Atlas Toponímico de Minas Gerais (ATEMIG), e o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO).

3 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BALSAS

Era a conquista que avançava. Eram os caminhos do gado que, devassando terras, vasculhando rios, expulsando e dizimando índios, ocupavam os sertões, imprimindo-lhes certas particularidades. Como resultado dessa expansão, foram criadas várias povoações, transformadas depois em vilas.” (CABRAL, 1992, p. 114).

Balsas é uma cidade do Estado do Maranhão. Os habitantes se chamam balsenses. O município se estende por 13 141,7 km² e contava com 94 887 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 7,2 habitantes por km² no território do município. Para entendermos melhor sobre este município, segue o seu histórico.

A vila de Santo Antônio de Balsas constituiu-se pelo porto das Caraíbas, no rio Balsas, que era o ponto de melhor acesso às fazendas do município de Riachão. O contínuo movimento de viajantes despertou interesse pelo local, fazendo com que surgisse ali uma pequena casa de comércio. Seguiram-se outras moradas cobertas de palha. Sabedor da existência do novo núcleo de população, para lá se deslocou o baiano Antônio Ferreira Jacobina, mercador de fumo nos sertões. Tornou-se líder da Povoação e denominou o povoado que, posteriormente, foi elevado à categoria de Vila e à Cidade, com a mesma denominação.

Figura 01: Igreja Matriz de Balsas



Fonte: Banco de dados do IBGE.

A principal atividade econômica do município de Balsas tem sido a lavoura, onde se destacava a produção de arroz e milho, vindo em seguida a pecuária, na qual predomina a criação de gado vacum, cuja estimativa, em 1956, era de 25.600 cabeças, sendo distribuído ainda em demais componentes como suínos, ovinos, caprinos, equinos, asininos e muares.

Desde muito cedo Balsas mantinha transações comerciais com as praças de Floriano-PI, Teresina-PI, Fortaleza-CE, Recife-PE, São Paulo-SP e Rio de Janeiro, para onde vendiam seus produtos agrícolas e adquiriam tecidos, ferragens em geral, produtos farmacêuticos, café etc. A indústria extrativa se destacava nos produtos de origem mineral, com a produção de cal de pedra e artigos de cerâmica (telhas e tijolos); e de origem vegetal, com amêndoas de babaçu e madeira em geral.

Alguns aspectos sobre o município de Balsas é que a cidade é banhada pelo rio de mesmo nome, *Balsas*, desde sua nascente até os limites com São Raimundo das Mangabeiras, perfazendo uma extensão de 260 quilômetros. É formado de uma só bacia. Nasce em uma chapada, no lugar denominado Campina, a 18 quilômetros da nascente do rio Manoel Alves Grande e recebe como afluente, pela margem esquerda, o rio Cachoeira, que nasce no município vizinho de Riachão, sendo o mais importante, e o Gado Bravo.

Hoje, a cidade possui uma economia à base da agricultura mecanizada e da pecuária, sendo o terceiro município com o maior PIB do estado, com uma produção agrícola permanente de banana e coco da baía, produção agrícola temporária a base de arroz, algodão, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, milho, soja e sorgo. Já a pecuária consiste na aquicultura (tambacu, tambatinga), na criação bovina, caprina, equina, galinácea, ovina e suína. Em 2019 o censo do IBGE apontou que o PIB Per Capita equivalia a R \$36.836,83.

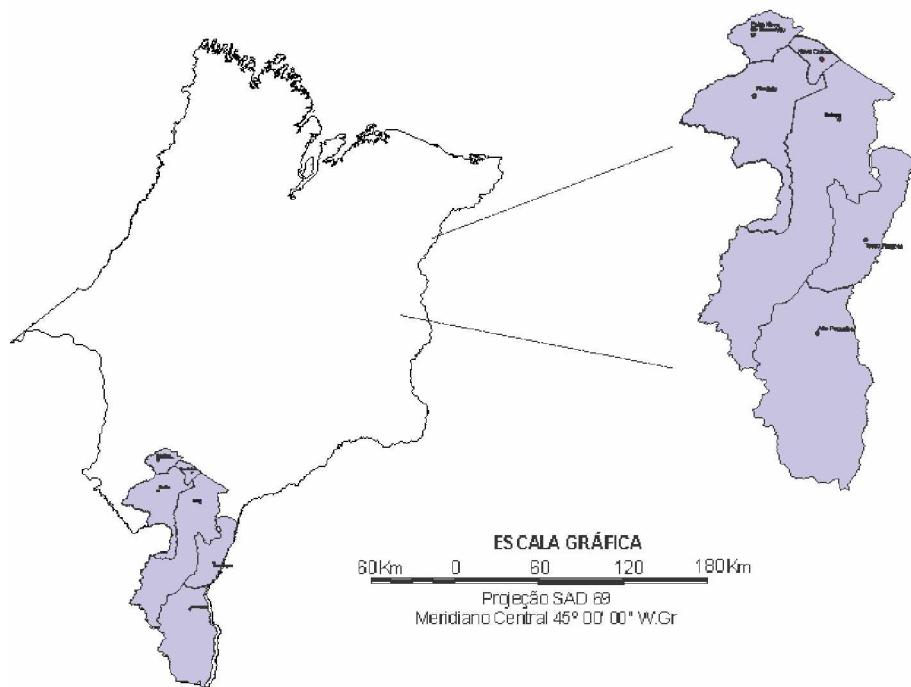
Figura 02: Imagem do Rio Balsas



Fonte: Banco de dados do IBGE.

Segue um mapa representativo da Microrregião dos Gerais de Balsas, que está inserida na Mesorregião Sul Maranhense, sendo composta pelos municípios de Alto Parnaíba, Balsas, Corpus deste estudo, Feira Nova do Maranhão, Riachão e Tasso Fragoso.

Figura 03: Mapeamento representativo da microrregião dos Gerais de Balsas



Fonte: Elaboração da autora

O município de Balsas compõe a Microrregião dos Gerais de Balsas, que está inserida na Mesorregião Sul maranhense, acompanhada das microrregiões de Porto Franco, composta pelos municípios de Campestre do Maranhão, Carolina, Estreito, Porto Franco, São João do Paraíso e São Pedro dos Crentes; e pela Microrregião das Chapadas das Mangabeiras, constituída pelos municípios de Benedito Leite, Fortaleza dos Nogueiras, Loreto, Nova Colinas, Sambaíba, São Domingos do Azeitão, São Félix do Maranhão e São Raimundo das Mangabeiras.

4 TOPONÍMIA INDÍGENA

Quando se fala em Toponímia Indígena, a primeira ideia que nos vem à mente é sobre a Toponímia de origem Tupi, visto que essa é a raiz da toponímia brasileira e permanece presente até os dias de hoje. Porém, na verdade, a toponímia indígena brasileira, de modo geral, oferece um amplo campo de estudos, pois é composta por contribuições de diversas outras tribos que habitavam o Brasil, cujos traços permanecem presentes por meio dos topônimos. De acordo com Dick (1992, p. 120) o estudo das nomenclaturas provenientes de idiomas de origem indígena proporciona um melhor conhecimento não somente do idioma em questão, mas do próprio povo e de como ele fazia uso de tal idioma.

Um dos precursores dos estudos toponímicos no Brasil, Lévi-Strauss, realizou estudos acerca da tribo dos Bororo, um grupo nativo, e conta que “a proximidade geográfica do pântano do rio Paraguai, onde abundavam animais selvagens, teria desenvolvido nos Bororo, o gosto da caça” (STRAUSS apud Dick, 1992, p. 121). Em seus estudos acerca desse mesmo grupo indígena, Carlos Drummond chegou a conclusões semelhantes aos resultados obtidos por Lévi-Strauss e caracterizou a tribo Bororo como uma sociedade de caçadores. Tendo a caça como uma forte característica desse grupo, essa atividade ficou registrada na geografia local por onde esse povo se instalou por meio da Toponímia. A exemplo temos os elementos morro Adugori, cujo vocábulo significa “onça pintada”, e o morro Jukori, que significa “Macaco”. Considerando esses dois animais como alvos das caçadas de tribos indígenas, percebe-se a influência das ações do ser humano como base motivadora toponímica. Os topônimos de origem Bororo encontram-se concentrados em determinadas áreas do país, o que nos permite inferir que aquelas eram as áreas onde esse povo se estabeleceu e pôde exercer sua influência com maior liberdade.

Devido aos conflitos entre as diferentes tribos, as divisões territoriais eram o principal modo de separar as aldeias. Dick (1992) revela que da região da Cananea para o sul do país estendia-se o domínio do povo Guarani, onde encontravam topônimos como Itati, Ivoti e *Pirapó*. Nas regiões nordestinas, no litoral o predomínio é da língua Tupi, porém nas regiões montanhosas e de chapadas, áreas que não fazem contato com o mar, havia grande ocorrência de nomes de origem Kariri, como, por exemplo, *Moxotó*, *Piancó* e *Capiá*. Ao sul dessa área, na região mineira, há ocorrências de provável origem Botocudo, Pori (Puri), Kamakan ou Pataxó, com menos frequência do que a maioria dos grupos. Dos grupos amazônicos, a autora aponta que havia grande predominância dos grupos Karib e Aruak, além do Tupi.

Segundo Dick (1992), citando Levy Cardoso, uma das características do povo Karib era a “incorporação, nos topônimos, de designativos comuns da língua”. (DICK, 1992, p. 131). Por exemplo, a palavra “água” era designada pela partícula *tuna*, além dos termos *curu* e *paru*, que possuem um significado aproximado. Desse modo, encontra-se topônimos como: *Arai-Paru*, *Paru* do Oeste e *Tunayana*.

Acerca dos povos Aruak, estes constituíram “a mais extensa família linguística do Brasil” (DICK, 1992, p. 131-132). Eles ocuparam áreas na Venezuela, no norte do Brasil, e em vários outros lugares. Por serem um povo pacífico as guerras que travavam eram, em sua maioria, de natureza defensiva. Do mesmo modo que os povos Karib, eles utilizavam determinadas terminações para designar água, como *ari*, *aia* e *uiná*, e incorporaram essas partículas aos topônimos. A exemplo, encontram-se os elementos *Caiari* e *Cálice-Uiná*. Os topônimos referentes à “água” são os de maior destaque provindo desse povo.

Ainda de acordo com Dick (1992), na região do Mato Grosso, pesquisadores perceberam que dentro da área pertencente aos Bororo havia ocorrência de áreas pertencentes a grupos menores. Existia uma pequena Área Aruak, com topônimos como *Utiatiri*; uma área Karajá, que deixou poucos vocábulos, como *Aruanã*; uma área Guaicuru, que possuía extensão bem pequena, e deixou topônimos como *Coxipó* da Ponte e *Coxipó Açu*. Por fim, na região Sudeste e Sul, encontram-se ocorrências do grupo Kaingang, que “embora não tenha deixado uma contribuição numerosa ao Português do Brasil, em termos vocabulares, concorreu para a formação de topônimos” (DICK, 1992, p. 135). A exemplo de topônimos Kaingang tem-se *Chapéco*, *Chopinzinho* e *Erexim*.

Ao contrário da maioria das tribos, que se concentram em regiões bem demarcadas, o Tupi se difundiu em larga escala por todo o país, fato que pode ser atribuído não somente à maior difusão geográfica do grupo, mas também às ações religiosas dos missionários e das antigas bandeiras durante o período de colonização. Em *O Tupi na Geografia Nacional*, escrito por Theodoro Sampaio, revela-se que a expansão do idioma Tupi se deu, na verdade, pelos próprios europeus que vieram ao Brasil para colonizar a nova terra. Os padres jesuítas aprenderam o idioma com o objetivo de facilitar a catequização dos indígenas. Eles realizavam pregações em Tupi e escreviam gramáticas e vocabulários para ensinar aos índios. Esses documentos servem, ainda, como um registro da vida na nova terra em formação. Conta-se, nesse livro, que os próprios portugueses preferiam utilizar o idioma Tupi em detrimento ao Português: “Adotavam os próprios portugueses os usos e até o falar brasílico, preferindo as expressões tupi aos dizeres da própria língua, em que, aliás, não faltavam vocábulos e locuções igualmente expressivas e adequadas”. (SAMPAIO, 1901, p. 13)

As expedições para desbravamento da terra desconhecida eram chamadas Bandeiras. Conta-se, ainda, que os desbravadores praticamente só falavam a língua Tupi em suas expedições, desse modo, propagava-se o Tupi muito mais que o Português, inclusive na Toponímia. “Recebiam então um nome Tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nelas jamais tivesse habitado uma tribo de raça tupi.” (SAMPAIO, 1901, p. 14).

Acerca das nomeações Tupi, trazendo a fala de Theodoro Sampaio, “as denominações Tupi das localidades ou dos indivíduos, como todos os epítetos de procedência bárbara, são de uma realidade descritiva admirável, exprimem sempre as características feições do objeto denominado” (SAMPAIO, 1901, p. 93). Ou seja, de acordo com o autor, uma das principais características da Toponímia Tupi era o caráter descritivo. Porém, analisando os diversos grupos indígenas que contribuíram para a formação linguística e na topografia do país, percebe-se que essa não é uma característica exclusiva desse povo, e sim uma característica das línguas indígenas de modo geral.

Um fato interessante levantado por Lévi-Strauss, citado por Dick (1992), é que “o indígena, de modo geral, ao contrário do que as demais sociedades queriam crer, era um indivíduo com as mesmas possibilidades de ação e reação do homem branco, com seu código de ética e de conduta” (DICK, 1992, p. 121). Para os portugueses “civilizados” que primeiro aportaram no Brasil os indígenas eram tidos como selvagens, uma vez que seus costumes contrariavam tudo o que os europeus conheciam, desse modo eram tratados dessa maneira.

Entretanto, o que se percebe atualmente é que os indígenas possuíam sistemas sociais igualmente complexos, com seus líderes, hierarquias e crenças. Possuíam seus próprios códigos de conduta, da mesma maneira que o homem branco. Desse modo, não é tão estranha a lógica empregada pelos povos indígenas acerca do ato denominativo dos lugares por onde se estabeleciam. Suas nomeações baseavam-se em seus próprios costumes e crenças, da mesma maneira como realizada pelos europeus. Nesse sentido, Dick (1992) ressalta que “a Toponímia indígena mais do que nunca não deve ser interpretada apenas como uma relação de vocábulos seguidos de uma provável etimologia. A defasagem entre essa percepção da disciplina e a amplitude de seu verdadeiro espaço de trabalho é, de fato, muito grande”. (DICK, 1992, p. 136).

A autora busca chamar a atenção para a grande contribuição das línguas indígenas para a Toponímia brasileira e para o fato de que os estudos realizados devem focar não somente os aspectos linguísticos, mas buscando se aprofundar no complexo estrutural que motivou o emprego de determinado nome como topônimo, pois, desse modo, é possível resgatar os valores que a Toponímia busca alcançar.

Para compreender melhor o que é Toponímia indígena e quais as suas contribuições, entenda-se, inicialmente, quem são os povos indígenas, suas possíveis origens, sua história e os troncos linguísticos encontrados no estado do Maranhão.

Quem são estes povos indígenas? De onde vieram?

Estas são algumas das muitas perguntas que surgem quando se pensa nos povos indígenas que habitam o solo brasileiro e todo o Continente Americano. Embora este assunto aponte a chegada de Pedro Álvares Cabral como o ápice da “descoberta do Brasil”, a história dos povos indígenas é muito anterior a este acontecimento. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI-MA, 1988) aponta que esses povos datam pouco mais de quatro séculos.

Explorando hipóteses a respeito da chegada desses povos ao continente, segundo o CIMI (1988, p. 11) a primeira hipótese afirma que eles teriam vindo “a pé da Ásia, através de uma ponte terrestre que existiu entre a Sibéria (Ásia) e o Alasca (América do Norte), no local hoje conhecido como estreito de Bering, a aproximadamente 40.000 anos, quando essa ponte surgiu em decorrência das águas do Oceano Glacial Ártico”. A segunda hipótese defende que teriam vindo grupos também da Polinésia, através de várias tribos do Oceano Pacífico, que entraram pelo extremo sul do continente. “Estas duas hipóteses não se excluem. O mais certo é que as duas possibilidades se complementem, segundo evidências constatadas pelos seus estudiosos”. (CIMI, 1988, p. 11).

“Nosso sofrimento começou com o primeiro navio, que chegou ao Brasil”. (Sampré – Xerente).

“Talvez muitos de nós devam escrever a nossa história indígena com o sangue, mas um dia faremos o V de vitória para o Governo e para a Funai, Seremos vitoriosos”. (Marçal Tupa-y – Guarani).

A chegada do homem branco ao continente americano é conhecida, através da história, como uma aventura e heroísmo. No Brasil, enfatiza-se o “Descobrimento”, onde Pedro Álvares Cabral é tido como herói, mas na visão dos indígenas o contexto é totalmente diferente. A história é narrada pelos indígenas de geração em geração, na forma de lendas e mitos, como no caso do mito da “Cobra Bonita” que transmite, até hoje, a dureza desse processo de colonização brasileira e de todo o Continente Americano, em que viveram a crueldade da invasão europeia.

A seguir, apresenta-se esse mito indígena com a concepção sobre os contatos com o homem branco.

O MITO DA COBRA BONITA

“Há muito tempo atrás havia um caçador famoso que andava por toda parte trazendo consigo sempre boa caça para comer.

Certo dia, quando voltava para casa com alguns pássaros que havia caçado, viu uma cobrinha no caminho. Era uma cobrinha linda, toda colorida, e parecia também ser amistosa (mansa). Ele parou por instantes, olhou-a e pensou que talvez estivesse com fome. Então, jogou um de seus pássaros e seguiu para casa.

Poucas semanas depois, passando pelo mesmo lugar, desta vez com alguns coelhos, novamente se deparou com a cobra que continuava muito colorida e bonita, só que bem mais crescida. Porém, ainda, com cara de amistosa e com fome. Jogou-lhe um coelho, disse-lhe “oi”, e continuou o seu caminho.

Passado algum tempo, o caçador se deparou, de novo, com a cobra. Ela havia crescido ainda mais, mas continuava parecendo amistosa e com fome. Ele, então, jogou um dos seus perus, que trazia de uma caçada, e se foi.

Ainda mais uma vez, um tempo depois, quando passava pelo mesmo caminho, com dois veados nas costas, o caçador se deparou com a bela cobra colorida. Ela havia crescido muito mais e continuava com a mesma cara amistosa e faminta. O caçador, de novo, com pena da grande cobra colorida, jogou-lhe um dos seus veados.

Ao chegar em casa encontrou uma grande festa na aldeia. Estavam todos presentes, dançando e cantando ao redor do fogo as suas velhas canções e rios.

De repente, a cobra surgiu e começou a rodear o lugar. Ela estava enorme e parecia esfomeada. Desta vez, a cobra já não mais parecia amistosa. Quando ela havia rodeado todo o lugar deixando-os no meio, eles começaram a sentir muito medo.

Resolveram, então, tomar os seus arcos e flechas e atacar a cobra. Ferida, a cobra bateu muito o rabo matando muita gente.

Dizem que aquela cobra era exatamente como o homem branco”.

(CIMI-MA, 1988, p. 15).

A chegada dos portugueses ao Brasil ocorreu por fins econômico-políticos iniciados pela expansão marítima, sobretudo da Espanha e Portugal, que objetivavam conquistar e explorar novas terras. A partir de 1492, começaram as invasões de outros continentes,

colonizando povos, impondo sua cultura, religião e modo de pensar. Tendo nestes acontecimentos os maiores crimes da história da humanidade: o fim violento de centenas de povos e culturas seculares (CIMI-MA, 1988, p. 19). Com intuito de fundar, na Ásia, o império português e o domínio militar para garantir o comércio e influência política, que motivaram Portugal a mandar a organização armada de Cabral. As trocas comerciais, exploração de recursos, como no caso do pau-brasil, duraram cerca de trinta anos.

Com a chegada ameaçadora de outros povos europeus, as regras do mercantilismo e distribuição de mercadorias, forçou Portugal a elaborar o plano de “expansão territorial”, o que ocasionou em uma longa história de humilhação, perseguição e morte que perpassa os dias atuais. Como afirma Ewororo Cibae “homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo, e os rios cresceram, e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas.” (EWORORO Cibae – Bororo, CIMI-MA, 1988, p. 19)

No contexto sul maranhense, em meados de 1814, como assinala Francisco de Paula Ribeiro (2002), os povos timbiras Purecamecrãs e Piocobgês confinavam a tribo Timbirá Canaquetgê na ribeira do rio Farinha, onde viviam pacificamente e onde posteriormente foram atacados pelo comando de São Pedro d’Alcântara (atual cidade de Carolina), com auxílio de outros índios, ficando muitos deles prisioneiros e sendo vendidos na capitania do Pará, sendo dispersados os demais.

Os povos Canaquetgês e os gentios Macamecrãs eram os habitantes de Pastos Bons, onde se chamavam Caraôus ou Caraôs, e os navegantes do Tocantins os denominavam como Tamembós e Pepuxis. Este era um dos ramos poderosos da nação Timbira, que ocupava o território que se dividia pelas ribeiras do rio Balsas, além de Balsas e do rio Neves, confinando-se para o sudoeste com uma parte da nação Xavante, que não habitavam ao norte do rio Manuel Alves Grande, no denominado distrito de São Pedro d’ Alcântara, àquela época, sendo estes Macamecrãs os últimos que ocuparam os limites territoriais do Maranhão.

Vale ressaltar, segundo Ribeiro (2002), que a oeste desta linha fronteiriça entre a barra do rio Farinha, no sertão, até as primeiras povoações a leste do rio Turi, na beira-mar, se estabeleceram muitas outras tribos que infelizmente ficaram desconhecidas pela falta de investigação (RIBEIRO, 2002). Os Macamecrãs, embora ocupassem esses territórios, passaram por momentos de luta e implacável perseguição, durante os anos de 1809 a 1814, onde muitas fazendas foram reduzidas a cinzas e os habitantes foram mortos ou castigados e tornaram-se prisioneiros, sendo levados à capital, período exato em que Ribeiro campeava essas terras como capitão da armada do reino de Portugal. Tais acontecimentos levaram os Timbiras a

desfazerem-se de suas armas e a pedirem paz em busca de sobrevivência e condições pelas quais pudessem viver de forma pacífica nos seus campos. Conforme Ailton Krenak “A sobrevivência dos povos indígenas diz respeito à integridade moral da nação brasileira”. (AILTON KRENAK, s/p).

Por sua vez, o CIMI (1988) aponta que em 1612 a colonização europeia atingiu a Ilha de São Luís e calculava-se uma população de 250.000 índios em todo o Estado, hoje reduzida a menos de 12.000. Nesse período, estavam presentes os povos Tupinambá, os Barbado, os Sakamekrã, os Amanajó, os Kriê, os Uruati, os Tremembé, os Kenkateiê, os Guanaué, os Araiose, os Gamella, os Pobze, os Kapiekrã e outros, quase todos atualmente extintos. Somente os Tenetehara, os Canela, os Krikati e os Gaviões sobreviveram à colonização “Esta luta sangrenta e desigual na Província do Maranhão teve muitos mártires, que bravamente lutaram em defesa de suas terras, sua cultura, sua vida”. (CIMI-MA, 1988, p. 37).

Vejam-se, segundo o CIMI (1988), alguns acontecimentos históricos que são testemunhas desse genocídio:

- 1616: trinta índios Tupinambás são assassinados em sua aldeia, em Alcântara, (antiga Tapuitapera) em testemunho para que outros índios não se rebelassem;
- 1618: repressão contra a rebelião dos Tupinambás dirigida por Bento Maciel Parente resultando em 30.000 índios assassinados;
- 1620: índios Barbados, Guanaué e Araiose (Vale do Munim) são trucidados.
- 1649: repressão contra os Uruati, por terem matado três jesuítas e um irmão leigo que os queriam aldear;
- 1671: povos Tremembé são reprimidos, tendo seu líder sido levado para São Luís e amarrado na boca de um canhão que, ao explodir, o despedaçou;
- 1721: os Barbados, que viviam perto da atual Vitória do Mearim, foram massacrados;
- 1787: os Gamela, viventes perto de Bacabal, foram transferidos para a região de Cajari e Penalva, provocando consequências desastrosas à sua população;
- 1808: índios Gavião de Grajaú são presos, ferrados e mandados para Belém como escravos;
- 1815: em Caxias do Maranhão ocorreu a primeira “guerra bacteriológica” conhecida no Brasil como epidemia da varíola onde autoridades distribuíram brindes, presentes e roupas contaminadas por doentes. Quando os índios se deram conta do contágio, fugiram para o mato, contaminando outros grupos;

- 1853: índios Gavião são atacados e reduzidos a um pequeno grupo de sobreviventes;
- 1901: cerca de trezentos Guajajara foram mortos em consequência do conflito de Alto Alegre, onde treze religiosos tinham sido mortos pelos índios;
- 1913: mais de cem índios Canela foram massacrados pelos Arrudas, em uma aldeia próxima à serra da Alpercatas, Comarca de Grajaú;
- 1963: seis índios Canela foram mortos na aldeia do Ponto, num ataque de duzentos capangas contratados pelos fazendeiros de Barra do Corda;
- 1979: envenenamento dos índios Guajá pelos fazendeiros interessados na ocupação do território tradicional desse povo, no vale do Gurupi.
- 1980: dois índios Guajajara, de Barra do Corda, foram barbaramente torturados, em seguida mortos e jogados dentro de um riacho na beira da estrada que liga Grajaú a Barra do Corda.

Atualmente são nove os povos indígenas que habitam no Maranhão, situados na Pré-Amazônia maranhense, que se subdividem em duas grandes famílias-tronco de povos indígenas: os Tupi-Guarani: Tenetehara, cujos povos são os Guajajara, os Tembé, os Urubu-Kaapor e os Guajá; e a família Timbira: Canela (Apaniekrá, Rankokamekra) cujos povos são, os Krikati, e os Gavião.

Atualmente, os povos indígenas que viviam na microrregião Sul Maranhense (município de Balsas e região) infelizmente se extinguiram ou fugiram para outros territórios, como para as mesorregiões oeste, centro e leste maranhense, e para o atual estado do Tocantins, onde se encontram até hoje.

A seguir, apresentam-se imagens representativas desses povos e um breve histórico desses sobre eles de acordo com o Conselho Indigenista Missionário - CIMI-Maranhão (1988).

4.1 Os Tenetehara

Em 1612, foi fundada, pelos franceses, a cidade de São Luís, isto é, iniciou a colonização europeia em que, após a fundação dessa cidade, enviaram uma pequena expedição ao rio Pindaré à procura de riquezas e, na verdade, encontraram uma numerosa tribo de indígenas a quem inicialmente chamaram de Pinariens. Muitas expedições foram enviadas pelo território maranhense à procura principalmente de ouro, mas não o encontrando, senão a nação indígena, travaram-se guerras cruéis.

Figura 4: Mulher e criança Tenetehara.



Fonte: pib.socioambiental.org

De 1612 a 1759 aconteceram inúmeras batalhas, a chegada de jesuítas com intenção de aldear os nativos, até que o Estado, por meio do Marquês de Pombal, os expulsasse para que os índios integrassem a comunidade portuguesa na tentativa de incentivar a miscigenação, o que acabou provocando a extinção de mais de uma centena de aldeias na Amazônia e cerca de uma dúzia delas no Maranhão. Logo após a expulsão dos jesuítas, seis colônias e diretorias foram criadas ao longo dos rios Pindaré, Mearim e Grajaú, onde o governo tinha como objetivo abrir aldeamentos

das missões a fim de usar a mão de obra indígena escrava nos trabalhos de coleta e comercialização. Os povos Tenetehara se subdividem em dois povos: o Guajajara e o Tembé, ambos mantêm basicamente língua e cultura semelhantes.

4.1.1 Os Guajajara

Figura 5: Sônia Guajajara.



Fonte: pib.socioambiental.org

O CIMI-MA (2002) aponta que os Guajajara vivem em oito áreas indígenas situadas nos municípios de Barra do Corda, Grajaú, Amarante e Bom Jardim. Essas áreas sofreram longos anos de luta pela terra, sendo constantemente invadidas por posseiros, fazendeiros, madeireiros, caçadores, etc.

Partes dessas terras estão dentro de áreas de influência do programa Grande Carajás (Aldeia Indígena Pindaré, Caru e Reserva Indígena Araribóia). Apesar de os Guajajara terem passado muitos anos em contato com os regionais, ainda mantêm muito de sua cultura, principalmente a língua, um dos elementos mais importantes, da qual fazem uso diariamente em suas aldeias, onde recorrem ao português somente em relacionamentos com os regionais.

4.1.2 Os Tembé

Os Tembé são os Tenetehara que, por volta de 1850, migraram da região do Pindaré em direção aos rios Guamá, Capim e Alto Gurupi, entre o Maranhão e o Pará. Este grupo se divide

em grupos sendo os Tembé do Guamá na região paraense e Tembé do Gurupi na região maranhense. Cerca de noventa por cento da população Tembé fala três línguas: a Tenetehara, a portuguesa, devido o contato direto com a mesma durante mais de um século, e a Kaapor, por sua localização se aproximar da área do Alto Turiaçu, onde vivem os indígenas Urubu-Kaapor.

Figura 6: Índio Tembé.



Fonte: pib.socioambiental.org

O modo de vida dos Tembé não se diferencia muito dos Guajajara. O fator básico da mobilidade Tembé é a família extensa, sob liderança do chefe do grupo familiar, suas casas são construídas de taipa e cobertas de ubim. Incorporam dias santos e batizados cristãos, mas não o cristianismo como sistema religioso. Mairá é o principal herói cultural e o ciclo místico da criação associa os Tembé aos demais povos Tupi-Guarani. Atualmente, os Tembé do Maranhão estão localizados na área indígena Alto Turiaçu, onde moram também os Urubu-Kaapor.

4.1.3 Os Urubu-Kaapor

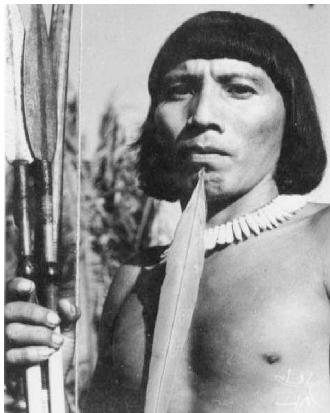
“Cada um tem uma história grande de sofrimento para contar”.

(Omizokay-Paresi)

Os indígenas Urubu-kaapor vindos do Pará entraram no Maranhão andando em marcha para o leste. Atacados constantemente por extratores de produtos florestais, refugiaram-se nas matas, à margem direita do rio Gurupi, do lado maranhense, na segunda metade do século passado. Estes indígenas, ao adentrarem as terras maranhenses, passaram por vários problemas e conflitos com a elite local, o que motivou ataques em 1923, provocando 50 mortes de índios, inclusive de mulheres e crianças. Os Kaapor foram “pacificados” em 1928, devido aos constantes conflitos na região, mas nesse mesmo período ocorreram muitas epidemias de gripe, sarampo, coqueluche e outras doenças que acarretaram prejuízos aos indígenas.

Figura 7: Índio Urubu-Kaapor

No século XIX, estes indígenas ocuparam boa parte do tempo com a extração de óleo de copaíba a fim de diversificar sua economia produzindo artigos de troca em função do contato com regatões. Neste contexto de intercâmbio comercial e extorsão praticada pelos regatões, resultou em vários conflitos.



O nome Urubu-Kaapor (morador da mata) nos faz entender a importância da floresta na vida dos indígenas. “A mata não é só fonte de alimento, mas é, acima de tudo, fonte de vida no seu sentido mais abrangente. Ela é a grande inspiradora de mitos. A vida dos Kaapor reflete um profundo conhecimento da floresta e por isso devotam um grande respeito ao seu ecossistema.” (CIMI-MA, 1988, p. 62).

Fonte: pib.socioambiental.org

4.1.4 Os Guajá

Os Guajá, índios de língua Tupi-Guarani, são o último povo nômade e sem agricultura do Brasil. Divididos em pequenos bandos de quatro a trinta pessoas, os Guajá estão localizados nas matas altas dos rios Pindaré, Caru, Turiaçu e Gurupi, no estado do Maranhão. Como esses indígenas se localizam próximos aos Kaapor, Tembé Tenetehara e Guajajara, os Guajá fazem do nomadismo a principal arma de defesa e sobrevivência. Durante as epidemias que dizimaram parte da população dos Guajajara, Tembé e Kaapor, os Guajá cresceram em número, se espalhando e ampliando suas bases territoriais até os rios Zutiua e Buriticupu.

Figura 8: Criança indígena Guajá.



A abertura das rodovias BR 316 (Recife-Belém) e BR 222 (São Luís-Açailândia) atraíram e incentivaram o avanço da frente agrícola camponesa criando novas cidades nas áreas onde antes era habitat tradicional dos Guajá, Guajajara e Kaapor. Este fato e o contato contínuo das frentes da expansão provocaram uma drástica diminuição da população indígena com as doenças e

Fonte: pib.socioambiental.org

assassinatos premeditado o que ocasionou na dispersão e isolamento daqueles que outrora sobreviveram. Atualmente, esses povos lutam por seu espaço e, por vezes, são forçados a se isolarem buscando lugares de mais difícil acesso e fugindo de qualquer contato.

4.2. Os Timbira

São chamados de Timbira os povos que habitavam as campinas do Sul do Maranhão os quais, a partir do século XIX, tiveram seu território invadido pelos criadores e rebanhos vindos de várias regiões, como dos sertões de Pernambuco e da Bahia, através dos rios São Francisco e Parnaíba, de Goiás, pelas margens do rio Tocantins. A princípio, os Timbira resistiram aos inimigos, pois os mesmos buscavam paz e eram aprisionados para serem vendidos como escravos na vila de Caxias, para trabalharem nos algodoais da costa maranhense. Ou em alguns casos em que os inimigos se aproveitavam das rivalidades entre tribos e os provocavam para que matassem uns aos outros. As epidemias também foram eficazes no combate aos valentes Timbira.

Figura 9: Índio Timbira.



Os Timbira, de modo geral, têm tradições muito próximas, podendo-se atribuir-lhes uma origem comum. Eles se dividem em orientais e ocidentais. Sendo os orientais situados à margem direita do rio Tocantins, os povos Gavião Parakateyê, no Pará; Gavião Pukobyê; Krikati, Canela Rankokamekra e Canela Apaniekra no Maranhão; e os Krahô no Goiás. Os ocidentais encontram-se na margem esquerda do rio Tocantins, sendo eles os Apinajé no norte de Goiás.

Fonte: pib.socioambiental.org

Seu habitat natural é o sertão (chapadas) com vegetação rasteira e árvores escassas e de pequeno porte.

4.2.1 Os canela

São conhecidos por Canela os Timbira Apaniekra e Rankokamekra que hoje estão localizados no município de Barra do Corda. O pouco que se sabe deste povo data de 1855, através de um relatório da Província do Maranhão, onde Olímpio Machado cita os índios Canela como grupos presentes no alto do rio Pindaré e no Mearim.

Figura 10: Índios Canela.

Este povo, de fato mantém sua cultura viva e dinâmica. A aldeia é bem estruturada e cuidada nos mínimos detalhes para aparecer o círculo bem delineado (característica da formação da aldeia). Suas manifestações culturais são expressas a partir de festas e rituais que permeiam a vida, sua força de resistência



Fonte: pib.socioambiental.org

na tradição cultural que regula o comportamento do indígena com a “Natureza” e com a sociedade.

As festas, como a “corrida da tora grande”, são tradições comuns entre os povos Canela. A maioria desses indígenas são bilíngue pelo grande contato com o “homem branco” e variante da língua Timbira, falada por todos.

4.2.2 Os Pukobyê (Gavião)

Figura 11: Adolescente Pukobyê.



A história dos índios Pukobyê pode ser situada dentro de dois períodos importantes, onde se processam duas frentes de penetração. A primeira, tendo início no primeiro quarto do século XIX, envolve toda a nação Timbira. A segunda se dá entre as décadas de 50 a 70, com abertura da Belém-Brasília, atraindo para a área um grande contingente populacional. Os índios Pukobyê manifestam a própria cultura Timbira, através dos rituais típicos deste povo, celebrados com fervorosidade e participação.

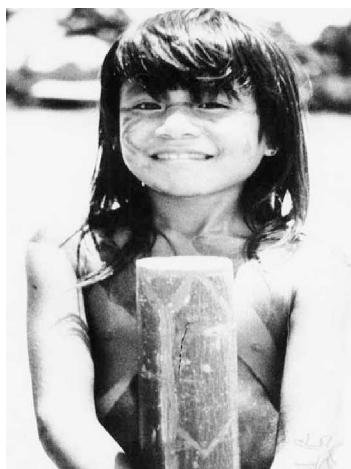
Fonte: pib.socioambiental.org

O artesanato, como para todos os Timbira, ocupa uma parte importante na cultura Pukobyê. Através de embiras de tucum ou buriti, confeccionam cestarias, esteiras, colares, etc., praticam também uma técnica de tecelagem, especialmente em função da confecção de enfeites, com a qual confeccionam o “hã hi”, uma espécie de faixa usada durante as festas. Esta atividade de tecelagem artesanal é muito desenvolvida entre os Timbira, mas é uma especialidade dos Pukobyê.

4.2.3 Os Krikati

O povo Krikati está localizado ao Sul do Maranhão, entre as cidades de Montes Altos e Sítio Novo. Antigamente esse território era mais extenso, compreendendo as cabeceiras do rio Pindaré, a Serra da Desordem, o rio Lageado, o rio Santana e a margem esquerda do rio Tocantins, abrangendo as terras ocupadas pela cidade de Montes Altos e Imperatriz (que inclusive foram edificadas em cima dos restos de uma grande aldeia Krikati). A história desse povo percorre por invasões territoriais na ocupação da colônia militar de Santa Tereza, fundada em 1848, onde surgiu Imperatriz. Em 1929, os Krikatis da aldeia Caldeirão, viram seu território ser invadido e escolheram entre ser massacrados ou abandonarem sua terra.

Figura 12: Criança indígena Krikati.



Entre as atividades econômicas realizadas, está incluído o artesanato, para o qual se utilizam de vários materiais, tais como embira, tala de buriti, de guarimã, palha de coco, tucum, sementes, dentre outros, os quais confeccionam pacarás, urupemas, cestos de vários tamanhos, colares, esteiras e outros. Além de utilizarem motivos geométricos para decoração destas peças. Quanto à tecelagem, utilizam linha de algodão natural e colorida, para tecerem as faixas usadas nos dias de festa.

Fonte: pib.socioambiental.org

4.3 Línguas Indígenas

Segundo Rodrigues (1986), as línguas Tupi-Guarani descendem de uma língua anterior, assim como o português descende do Latim. O mau conhecimento das línguas indígenas deixa dúvidas frequentes como se existe a língua Tupi ou Guarani.

A redução das línguas indígenas se deu por diferentes fatores, no momento da colonização: pela assimilação da cultura dos colonizadores, pelas doenças trazidas e disseminadas e, claro, pela redução dos indígenas, travada por episódios de extermínio para a conquista de terra como explicitado anteriormente. Algumas línguas foram documentadas de forma mais ampla ou não.

De acordo com Rodrigues (1986), o Kirirí foi uma língua registrada, porém desapareceu por volta do século XVIII. Como língua indígena mais conhecida se tem o Tupinambá que

manteve contato intenso com o português. Como exemplo disso, Dick (1992) discorre sobre os topônimos transplantados, ou seja, os portugueses, com sua chegada, começaram a nomear, mas complementando a nomenclatura já pré-estabelecida pelos indígenas.

As línguas indígenas possuem muitas diferenças estruturais entre si e, principalmente no que se refere às línguas europeias, como afirma Rodrigues:

As línguas indígenas diferem entre si e se distingue das línguas européias e demais línguas do mundo no conjunto de sons que servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica). (RODRIGUES, 1986, p. 23).

Dessa maneira, as línguas indígenas têm um sistema de som, forma e funções próprias bastante diferenciado dos sistemas das línguas conhecidas como indo-europeias.

Segundo Dick (1992), as procedências de vocábulos indígenas não se limitam apenas ao Tupi, como também a outras origens: Karib, Aruak, Bororo, Jê, Kariri, Kaiangang, entre outros. Os estudos desses topônimos não devem se prender apenas a etimologias e significados, mas o valor da análise deve explicitar como o índio se motivava para a nomeação e formação de seus vocábulos básicos, revelando então sua relação com o meio.

O meio também é capaz de influenciar na cultura de um povo e em suas nomeações. Exemplo são os Bororo, em que sua região era exorbitante de animais selvagens e nisso desenvolveu o gosto deles pela caça e os nomes desses animais transpareceram na toponímia.

Segundo Rodrigues (1986), a língua indígena mais conhecida dos brasileiros é o Tupinambá, conquanto esse conhecimento se limite, em regra, só a um de seus nomes, o Tupi. O Tupinambá foi a língua predominante nos contatos com os portugueses e índios, nos séculos XVI e XVII, e tornou-se a língua da expansão dos bandeirantes, no sul, e da ocupação da Amazônia, no norte. Seu uso pela população luso-brasileira, tanto no norte quanto no sul da Colônia, era tão geral no século XVIII que o governo português chegou a baixar decretos (cartas régias) proibindo esse uso.

O Tupinambá ou Tupi antigo foi documentado já no século XVI e entre os anos 1575 e 1578 foram publicados seus primeiros textos. Essa língua também deixou de ser falada na forma em que existia nos séculos XVI e XVII, quando era essencialmente o idioma dos índios Tupinambá (reconhecidos regionalmente também pelos nomes Tamôio, Tupinikim, Kaeté, Potiguára, Tobajára etc.), mas pode-se dizer que perdura até os dias de hoje, sob forma muito alterada, transfigurada em língua de “civilizados”. Rodrigues (1986) afirma que é “notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia,

muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá”.

Vejamos uma amostra do vocabulário do Tupinambá a partir dos estudos de Rodrigues (1986) sobre essa língua:

Quadro 1: Amostra do vocabulário de termos do Tupinambá (Tupi antigo).

Jacy – lua	Jaguára – onça	Óca – casa
Ybáca – céu	Guyrá – pássaro	Tába - aldeia
Ybý – terra	Pirá – peixe	Urapara – arco
Itá – pedra	Abá – gente, índio	U’úba – flecha
Capi’í – capim	Apyába – homem	Ting – branco
Tacuara- taquara	Cunhã - mulher	Mirí – pequeno

Fonte: Rodrigues (1986).

O Tupi teve uma maior difusão do que as outras línguas indígenas, por conta da mobilidade geográfica, de ações socioculturais, como também pelas ações religiosas dos missionários. Conforme Dick (1992), esses fatores fizeram com que a língua se estendesse em todo litoral brasileiro, de norte a sul, até São Paulo, com mudanças de direções para o Paraguai, Uruguai e Paraná.

A influência tupi na toponímia brasileira se fez sentir, como já foi dito, em múltiplos elementos da cultura material e espiritual do povo, a saber: Camucim (“pote pequeno”, AH PA; Carimã (“farinha fina, AH PA); Mairiporã (“cidade bonita”, AH PA), Ubá (“canoas feitas de casca de árvores com pontaletes no meio e ajustadas com cipó, pequenas e leves, r.MG), Uru (“cesto, r.GO) : Anhange (‘genio mau, AH PA); Caipora (“gênio anão de um pé só”. AH PE); Jurupari (“gênio mau do norte do país, AH AM) (DICK 1992, p. 123).

Portanto, na toponímia indígena, existem duas linhas que não podem ser ignoradas, o indivíduo e o seu meio, por partir de nomeações diretas que auxiliam no entendimento e esclarecimento da história, ocupação e relação com seu meio, evidenciando a ocorrência e a referência de animais e plantas no processo designativo.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza com uma abordagem qualitativa, em que foram analisados materiais bibliográficos que serviram de embasamento teórico para as fases posteriores. Porém, apresentar-se-ão dados quantitativos, a partir da coleta e análise de dados, o que a torna uma pesquisa qualquantitativa (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Quanto à sua natureza, é uma pesquisa básica, mas também aplicada, pois se aplicou brevemente uma experiência com os estudos do léxico, notadamente, com os fitotopônimos, nas aulas de Língua Portuguesa, em uma escola pública do ensino fundamental, em um bairro da zona urbana de Balsas-MA.

No que se refere à finalidade da pesquisa, ela é descritiva, pois se realizou levando em conta os aspectos da formulação das perguntas que nortearam a pesquisa, além de estabelecer uma relação entre as variáveis propostas no objeto de estudo em análise; é exploratória por ser um estudo que procurou padrões, ideias e/ou hipóteses afim de realizar descobertas acerca da língua; e explicativa, em função de ter delineado os fatores que determinam ou que contribuíram para a ocorrência dos fenômenos (BRASILEIRO, 2016).

Os meios de pesquisa foram primeiramente bibliográficos, com a leitura dos materiais pertinentes à área de estudo; além disso, a metodologia que sustenta o trabalho se caracteriza por ser de natureza documental, com base em mapas geográficos (documentos digitais, com o levantamento histórico geográfico por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de mapas do estado do Maranhão) e de abordagem qualitativa para o levantamento dos dados, uma vez que a constituição (região, microrregião, limites e fronteiras) referente ao topônimo está registrada em documentos públicos e no levantamento histórico-geográfico.

A fonte primária dos dados que compõem o corpus foram os Mapas Municipais Estatísticos (IBGE/2010), escala 1: 100.000, relativos ao município de Balsas que são organizados em quadrantes de 1 a 4. Dessa base cartográfica foi levantada uma listagem de topônimos no Word. Conforme Solís (1997) a cartografia se faz como maior meio de divulgação dos topônimos, pois socializa e amplia o conhecimento de dada comunidade sobre uma região, além de serem instrumentos infalíveis para atividade de catalogação toponímica. Dick (1999, p. 11) corrobora com a assertiva, sob a ótica da autora os mapas são “[...] instrumentos metodológicos hábeis para o estudo onomástico a documentação cartográfica referida e a arquivologia, que se posicionam como fontes idôneas para o estabelecimento das etapas relativas à desconstrução e a recriação dos próprios dados”.

Tendo em vista este percurso metodológico que compreendeu meios bibliográficos e cartográficos, segue-se o desenvolvimento das etapas de categorização e análise.

Na etapa subsequente, foram preenchidas as fichas lexicográfico-toponímicas, adotando-se, para tanto, a proposta de Dick (2004), sendo confeccionadas em planilha Excel com os dados: localização/município (localização do elemento geográfico), topônimo (nome do lugar), acidente geográfico: elemento genérico do sintagma toponímico: morro, riacho, serra, entre outros (acidentes físicos); chácara, fazenda (acidentes humanos); taxonomia (27 classificações propostas por Dick: 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural); etimologia (registro do étimo que deu origem ao item lexical elevado à categoria de topônimo); estrutura morfológica (estrutura do elemento específico/topônimo: simples, composta, híbrida); informações enciclopédicas (dados complementares sobre o topônimo).

A partir das fichas confeccionadas, na etapa posterior foi realizada a análise dos topônimos tendo por base as designações contidas nos dicionários onomásticos-etimológicos (CUNHA, 1999, CUNHA, 2010, HOUAISS, 2009 e TIBIRIÇÁ, 1987), onde verificou-se os aspectos pertinentes aos elementos encontrados no município em estudo, com base nos questionamentos realizados na introdução deste projeto e cujos resultados obtidos foram tabulados a fim de se construir gráficos e quadros para representarem as condições encontradas no município em análise.

A escolha do dicionário Houaiss (2009) se deu por dois motivos: o primeiro, diz respeito à sua circulação, pois este é amplamente conhecido na sociedade brasileira; o segundo, em virtude da facilidade do acesso, pois está disponível na mídia online. Por sua vez, os dicionários de CUNHA (1999; 2010) são imprescindíveis para esta análise, visto que o primeiro possui um repertório de étimos luso-indígenas, ou seja, as palavras da língua portuguesa formadas pelo amálgama cultural com origem em línguas do arco linguístico tupi. O dicionário traz em seu cerne as ramificações dos termos étimos. Isto agrupa maior contundência analítica à discussão ao observar as modificações léxicas que os termos sofrem no que se refere aos aspectos morfossintáticos. Em Cunha (2010), tem-se um suplemento dos dados etimológicos com atualização. Também se comprehende que os dicionários representam um importante repositório cultural, como pontua Biderman (2002, p. 86) “[...] o dicionário vem a ser o depositário do acervo lexical da cultura.”

O *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi* (TIBIRIÇÁ, 1987) também é um dos aportes lexicográficos utilizados nas descrições e análises. Em Tibiriçá (1987), tem-se a significação de diversos acidentes geográficos com a origem no arco indígena tupi. Levantados os processos metodológicos, parte-se para a análise propriamente dita.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

As palavras não são meras etiquetas de conceitos já contemplados e armazenados; são etiquetas sim, mas de um processo de categorização ou de uma família de tais processos in fieri. (BIDERMAN, 1998, p. 90).

No presente capítulo são apresentados os dados gerais coletados durante a pesquisa, iniciando-se com a distribuição geral dos topônimos e seguindo-se segundo os parâmetros de análise. Os resultados obtidos apresentam-se a seguir, dispostos em gráficos e quadros, acompanhados dos respectivos argumentos explicativos.

Seguem os dados coletados que regem a construção deste trabalho.

6.1 Distribuição Geral dos Topônimos no município de Balsas

O Quadro 1 demonstra a ocorrência dos fitotopônimos na cidade de Balsas, no que diz respeito à distribuição dos topônimos de natureza física, que se referem a elementos geográficos, os quais não sofreram diretamente ação de natureza humana, caso de rios, riachos, morros, serras, córregos, ribeirões, entre outros; e topônimos de natureza antropocultural ou humana, em que os mesmos referem-se a elementos geográficos que receberam intervenção humana, como no caso de localidades, fazendas e povoados, por exemplo.

Quadro 2: Distribuição quantitativa dos fitotopônimos no município de Balsas.

Municípios	Total de Fitotopônimos	Acidentes de natureza física	Acidentes de natureza humana	Total de fitotopônimos indígenas
Balsas	131	48 (36,36%)	83 (63,63%)	70 (53,03%)

Fonte: Elaboração da autora.

Ao observar o Quadro 1, percebe-se que a ocorrência de topônimos de natureza antropocultural (84) se sobressai em relação aos topônimos de natureza física (48). Isso acontece porque “os topônimos são exemplos de nomes com um referente real, o lugar. Nós os usamos metalinguisticamente para funções referenciais, como para adquirirmos informações e nos situarmos espacialmente em relação a outros lugares, na nossa vida cotidiana” Castro (2016, p, 26).

Observa-se também a expressiva ocorrência dos fitotopônimos indígenas apresentando mais de 50 % dos topônimos elencados desta categoria neste município.

A grande ocorrência dos fitotopônimos, enquanto taxonomia, pode ser justificada considerando que grande parte do território em análise encontra-se em área rural e, portanto, possui maior contato com ambientes em que a flora natural permanece de fácil acesso. Dessa forma, pode-se entender a grande ocorrência dessa taxonomia como um reflexo da cultura local, pois, conforme Dick (1992) ressalta, o topônimo atua, por diversas vezes, como uma forma de fixar os elementos pertinentes à vida do homem na história daquele lugar.

A grande ocorrência de elementos de estrutura simples dessa taxonomia pode estar relacionada à predominância de elementos simples nas regiões, conforme observado no Gráfico 2, pois, comumente, os topônimos de origem vegetal apresentam-se com apenas um elemento formador.

Este município é, também, o maior em extensão territorial dentre os municípios que compõem a microrregião dos Gerais de Balsas. Esse fator pode estar correlacionado com a grande quantidade de fitotopônimos de origem indígena, mas, ainda assim, não deve ser entendido como uma explicação categórica para a maior abundância de topônimos.

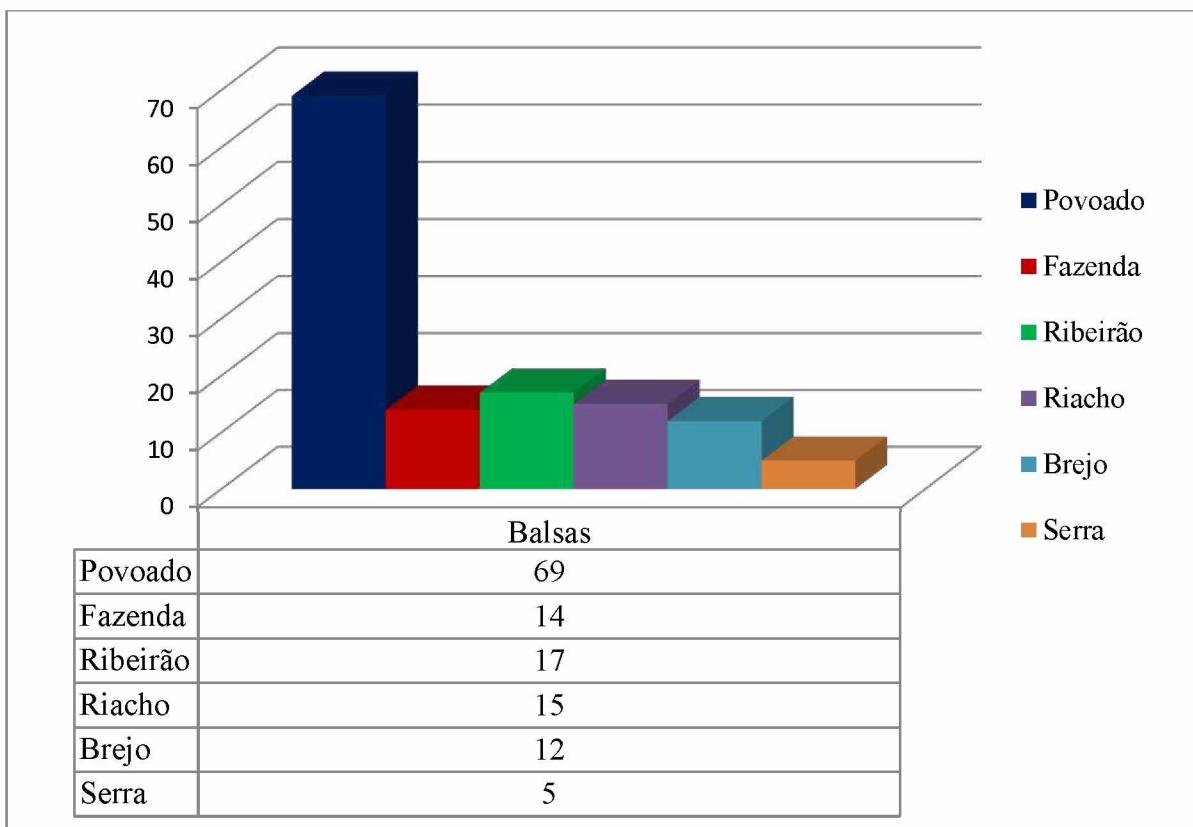
6.2 Distribuição geral dos elementos geográficos.

Neste subtópico apresenta-se o gráfico demonstrativo da distribuição dos elementos geográficos que acompanham os topônimos do município em análise.

No Gráfico 01, são retratados os elementos geográficos mais ocorrentes do município de Balsas. O elemento geográfico ou genérico é aquele que acompanha/antecede o topônimo, podendo variar em elemento físico (natural) ou antropocultural, humano (sofreu a ação do homem) como já dito anteriormente. Foi possível examinar a grande ocorrência de acidentes humanos, mais precisamente, os povoados, com 69 ocorrências, e 14 fazendas, que apresentaram significativa relevância na totalidade dos dados. Este fato se dá pela ocupação do homem no ambiente, o que acarreta na constante evolução e transformação do espaço onde o denominador está inserido, o que consequentemente corrobora para a escassez de topônimos físicos. Com relação aos fitotopônimos acompanhados por elementos geográficos de cunho físico, tem-se os ribeirões, com 17 ocorrências; acompanhados subsequentemente pelos riachos, com 15 ocorrências, 12 brejos e 05 serras.

Segue o gráfico representativo das ocorrências dos elementos geográficos, acompanhado dos exemplos de topônimos.

Gráfico 01: Distribuição dos elementos geográficos mais recorrentes no município de Balsas.



Fonte: Elaboração da autora.

Temos como exemplos:

- Fazendas: fazenda *Coqueiro*, fazenda *Caacupé*, fazenda *Buriti*, fazenda *Cajueiro*, fazenda *Mirindiba*, Fazenda *Macaíba*, fazenda *Capim Branco*, fazenda *Pati*, fazenda *Anjico (Angico)*, fazenda *do Araçá*, fazenda *Bacaba*, fazenda *Flor do Tempo*, fazenda *Buritirana* e fazenda *Coroatá*.
- Povoados: povoado *Mandacaru*, povoado *Sucupirinha*, povoado *Buritizal*, povoado *Jataí*, povoado *Jatobá*, povoado *Mirindiba*, povoado *Buritirana*, povoado *Bananeira*, povoado *Taboca*, povoado *Pau da Terra*, povoado *Buriti Grosso*, povoado *Mangaba*, povoado *Castanho*, povoado *Macaíba* e povoado *Cansanção*.
- Ribeirões: ribeirão *da Mata Escondida*, ribeirão *Coco*, ribeirão *Pau-Ferrado*, ribeirão *da laranja*, ribeirão *Jenipapo*, ribeirão *do Cocalinho*, ribeirão *Sambaíba*, ribeirão *do Araçá*, ribeirão *Buriti Grande*, ribeirão *Bacaba*, ribeirão *Mato Grosso*, ribeirão *Flor do Tempo* e Ribeirão *do Cajá*.

- Riachos: riacho *Sucupira*, riacho *Pau da Terra*, riacho *Cabaceira*, riacho *da Taboca*, riacho *Matão*, riacho *Palmeira*, riacho *do Jenipapo*, riacho *do Espinho*, riacho *Macaúba*, riacho *do Cocal* e riacho *da Pindaíba*.
- Brejos: brejo *Sucupira*, brejo *Sucupirinha*, brejo *Raiz*, brejo *Buritzal*, brejo *da Buritirana*, brejo *da Bananeira*, brejo *Taboca*, brejo *Limeira*, brejo *do Buriti Comprido*, brejo *da Palha*, brejo *da Laranja* e brejo *dos Tinguis*.
- Serras: serra *Buritirana*.

6.3 Distribuição geral das línguas de origem no município de Balsas

Quanto à distribuição linguística dos topônimos elencados, a tabulação gerou o Gráfico 2, que corresponde ao quantitativo das línguas de origem mais recorrentes no município de Balsas.

Os fitotopônimos que apresentaram expressiva ocorrência quanto a língua de origem foram os topônimos indígenas que, enquanto topônimo de estrutura morfológica simples (constituído por apenas um elemento formador), realizaram-se com 43% de ocorrência. Quanto aos topônimos indígenas de estrutura morfológica composta (integrado por dois ou mais elementos formadores), tem-se 14% somando-se assim 57% dos casos. O fato de esses resultados serem tão expressivos pode se justificar pelo contato direto desses povos com o meio ambiente, isto porque os povos indígenas entendem a Natureza (com N maiúsculo) não somente como um aglomerado de espécies de plantas, mas como um ser vivo, com contato direto com os seus deuses e suas tradições. Krenak (2018) aponta que “Ecologia, para quem vive em uma floresta, é floresta viva a respirar e a inspirar: a vida da floresta é o suporte para a materialidade e a espiritualidade da existência, da cultura e da produção/reprodução da subsistência”. O autor explana também a grande preocupação/importância de se preservar o ambiente, não apenas pela questão da sobrevivência inata do ser humano, mas como fonte de riqueza espiritual, histórica e de luta para os povos indígenas, como relata Krenak (2018):

“Essa existência comum entre sujeitos coletivos e o lugar é desgarrada da Terra pela violência colonial, um processo político e marcado pela relação assimétrica de poder que caracteriza a expansão/conquista do capitalismo. A violência colonial atinge as pessoas — não percebidas aqui como "indivíduos"—, e rompe com a percepção do coletivo ao mesmo tempo que constrói a individualização” (KRENAK, 2018, p. 1).

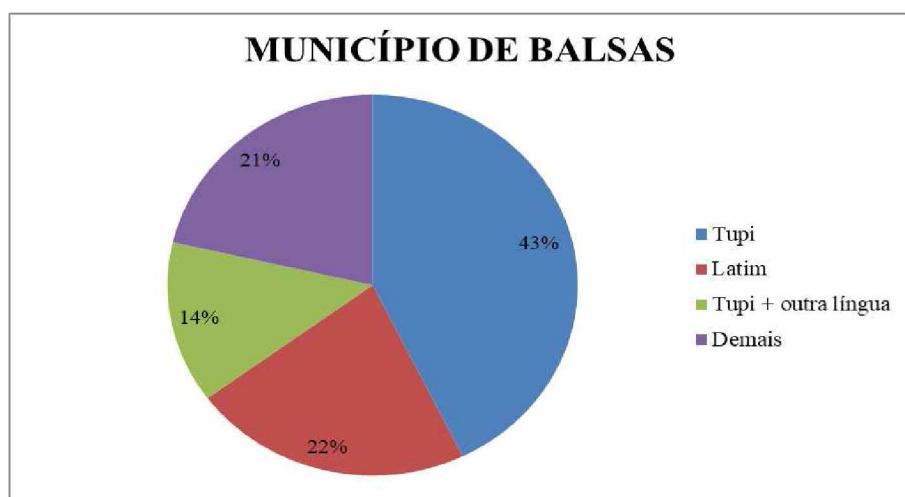
Em contrapartida, os nomes de lugares de origem latina apresentaram 22% dos casos e 21% que se constituem em outras línguas. Vejam-se alguns exemplos a seguir:

- **Tupi**: chapada das *Mangabeiras*, povoado *Mandacaru*, brejo *Buritzizal*, povoado *Jataí*, lagoa do *Jatobá*, povoado *Mirindiba*, brejo da *Buritirana*, brejo *Taboca*, povoado *Buriti Grosso*, povoado *Mangaba*, fazenda *Caacupé*, fazenda *Bacuri*, povoado *Bacaba*, fazenda *Cajueiro*, povoado *Macaúba*, povoado *Pequizeiro*, povoado *Jenipapo*, povoado *Manacá*, ribeirão *Sambaíba*, brejo *Sucupira*, povoado *Sucupirinha*, fazenda *Capim Branco*, fazenda *Pati*, povoado *Araçá*, povoado *Jurema*, povoado *Cajá*, povoado *Bacuri*, entre outros.
- **Latim**: brejo *Raiz*, riacho *Pau da Terra*, povoado *Flor do Tempo*, ribeirão *Mato Grosso*, povoado *Mato do Coco*, riacho *Palmeira*, povoado *Poleiro*, povoado *Folha Larga*, povoado *Faveira*, povoado *Partido*, riacho da *Mata Escondida*, povoado *Mato Redondo*, povoado *Campeira*, povoado *Pau-Ferrado*, povoado *Cedro*, povoado *Matas*, brejo da *Palha*, e povoado *Mato Escuro*.

Demais línguas: brejo *Bananeira* (étnico obscuro), riacho *cabeceira* (étnico obscuro), ribeirão *do Castanho* (étnico obscuro), povoado *Floresta* (francês), povoado *Cansanção* (étnico obscuro), ribeirão *Coco* (étnico obscuro), povoado *Forquilha* (espanhol), ribeirão da *Laranja Árabe*, povoado *Anjelim* (Tâmil), e povoado *Carvalhada* (étnico obscuro).

Segue o Gráfico 2 representativo das ocorrências das línguas de origem no município em questão.

Gráfico 02: Distribuição das línguas de origem no município de Balsas



Fonte: Elaboração da autora.

O resultado deste gráfico ressalta a relação do nomeador e meio nomeado revelando a conexão do homem com o lugar em que se está inserido, já que os topônimos estão intimamente ligados com as plantas, com os animais, com elementos aquáticos, com as experiências e

culturas do denominador, todos estes aspectos ressaltam a importância do ato de nomear aquilo que rodeia os habitadores dos lugares.

Segue-se com o próximo subtópico referente às construções sintagmáticas dos topônimos no que se refere aos elementos específicos constituídos por substantivos e adjetivos.

6.4 Construção sintagmática dos fitotopônimos

Nos exemplos, além dos substantivos, palavras assim chamadas por dar significado a substâncias, sejam concretas e palpáveis, sejam apenas mentalmente apreendidas como substâncias, tais como nomes, qualidades, estados, processos, entre outros; tem-se os adjetivos, palavra que se refere a um substantivo indicando-lhe um atributo. Substantivos e adjetivos constituem os sintagmas toponímicos elencados no Quadro 3, bem como as preposições indicadoras de relação e de posse.

Quadro 3: Constituição sintagmática dos fitotopônimos

Nº	ELEMENTO GEOGRÁFICO	ELEMENTO ESPECÍFICO	
		Substantivo	Adjetivo
01	Povoado	Sucupira	Grande
02	Riacho	Pau	Terra, da
03	Povoado	Buriti	Grosso
04	Riacho	Mata, da	Escondida
05	Brejo	Buriti, do	Comprido
06	Povoado	Mato	Redondo
07	Povoado	Flor, do	Tempo
08	Povoado	Buriti	Grande
09	Povoado	Pau-	Ferrado
10	Fazenda	Capim	Branco
11	Povoado	Bacaba	Martins, dos
12	Povoado	Bacaba	Ouriço, do
13	Povoado	Mato	Coco, do

14	Morro	Capim, do	Duro
15	Povoado	Folha	Larga
16	Povoado	Buriti	Só
17	Povoado	Mato	Escuro

Fonte: Elaboração da autora.

Os estudos de Chierchia (2003) apontam que os substantivos e adjetivos proporcionam meios para nos referir a classes de objetos. Nos seus termos, “a palavra cachorro nos permite falar de uma certa classe de mamíferos domésticos, a palavra vermelho nos permite falar das coisas que refletem a luz de uma certa maneira” (CHIERCHIA, 2003, p. 325-326).

Dias (2013) assinala que as construções nucleadas por um substantivo, designadas como sintagmas nominais, possuem capacidade de apresentarem informações sobre a realidade do mundo material. Neste caso, esses sintagmas apresentam as entidades que são nomeadas.

A autora apresenta como exemplos a serem desmistificados, os topônimos *povoado Bacaba dos Martins* e *riacho da Mata Escondida*. Os exemplos citados demonstram a ocorrência de substantivos (bacaba e mata) acompanhados por nomes adjetivos (Martins e Escondida) escolhidos por seus respectivos nomeadores. Como dito nos pressupostos referenciais, Guiraud (1986) afirma que toda criação é motivada, onde essa escolha depende daquele que nomeou o referente (coisa, pessoa, lugar etc.), assim como sua bagagem cultural, religiosa, histórica e etc., mas é evidente que estas nomeações poderiam sofrer alterações no ato da nomeação, como *povoado Bacaba do Ouriço* (como exemplificado no exemplo 12 do quadro 2) que designa a palmeira *bacaba* (fitotopônimo) e o animal *ouriço* que é a designação comum a diversos pequenos mamíferos da fam. dos *erinaceídeos*, da ordem dos insetívoros, encontrados na Europa, África e Ásia, com o dorso coberto por espinhos curtos e lisos e as partes inferiores por pêlos (zootopônimo). Chierchia (2003) relata que:

É nesse ponto que a modificação intervém de maneira sistemática. Ela nos permite qualificar, modificar e enriquecer as expressões predicativas, pela possibilidade de definir classes e relações sempre novas, a partir daquelas que já se encontram codificadas no léxico. (CHIERCHIA, 2003, p. 328).

Seguem exemplos:

Exemplo 1: Povoado Bacaba dos Martins

Povoado: elemento geográfico

Bacaba: Topônimo (substantivo) que segundo Tibiriçá (1997) retrata a variação de uma palmeira *Oenocarpus bacaba*, do tupi *iua'kaua*. [Nativa da Amazônia, os frutos e a semente oleaginosa são comestíveis, do lenho e das folhas fazem-se obras artesanais, e da polpa aquosa produz-se vinho de bacaba, o *iuquicé*] (Houaiss, 2007 e Cunha 2010).

dos: preposição

Martins: Topônimo (adjetivo) que, segundo Guérios (1973), refere-se ao sobrenome português, em vez de *Martinez*, patronímico de *Martim* ou *Martino*. Do latim *Mart.nici*.

Exemplo 2: Riacho da Mata Escondida

Riacho: elemento geográfico

da: preposição

Mata: Topônimo (substantivo) apontado por Cunha (2010) como um terreno onde nascem árvores silvestres, ‘bosque, selva’. Proveniente do latim tardio *matta* ‘esteira de juncos’.

Escondida: Topônimo (adjetivo) descrito por Cunha (2010) como algo ‘encoberto, oculto, algo não revelado. Proveniente do latim *scondudo*, *ascondudo*, *ascondido*’.

Fonte: Elaboração da autora.

No exemplo 1 *povoado Bacaba dos Martins*, entende-se que *Martins* apresenta uma característica no elemento geográfico *povoado* levando a hipótese de que este ambiente foi nomeado dando características do nomeador, no caso do sobrenome. Já no exemplo 2, *riacho da Mata Escondida* levantam-se hipóteses de que este topônimo recebeu tal nomeação por causa de sua localização, levando a crer que esse riacho se localiza em uma zona de mata fechada, densa. Como afirma Dias (2013, p. 13) “dessa maneira, o sintagma nominal expressaria as propriedades que seriam necessárias para a possibilidade de referência dessas entidades no mundo”.

Segue-se o inventário dos fitotopônimos, classificados conforme os parâmetros descritos na metodologia, objetivo central deste trabalho.

Quadro 4: Distribuição classificatória dos fitotopônimos na cidade de Balsas-MA

Elemento Geográfico	Topônimo	Língua de origem	Descrição Etimológica	Taxonomia
1. Chapada	Mangabeiras, das	Tupi	<i>Ma'naua</i> Mangabeiras, (mangaba + -eira); mangaba, tupi 'planta da família das apocináceas' + -eira (sufixo latino <i>-aria</i> , <i>-arius</i>) (CUNHA, 1978, p. 201).	Fitotopônimo
2. Fazenda	Coqueiro	Obs.-Port.	Orig. Obscura (palmeira de até 30 m (<i>Cocos nucifera</i>), prov. originária das ilhas do Pacífico) (HOUAISS, 2009). Designação comum a várias espécies de palmeiras e seus frutos. (CUNHA, 2010, p. 159).	Fitotopônimo
3. Povoado	Mandacaru	Tupi	<i>Yamandaka'ru</i> ou <i>Ñamandaka'ru</i> planta da família das cactáceas (HOUAISS, 2009 e CUNHA, 2010, p. 405)	Fitotopônimo
4. Rio	Mandacaru	Tupi	<i>Yamandaka'ru</i> ou <i>Ñamandaka'ru</i> planta da família das cactáceas (HOUAISS, 2009 e CUNHA, 2010, p. 405).	Fitotopônimo
5. Brejo	Sucupira	Tupi	<i>Sewi'pira</i> design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. das <i>Papilionoidea</i> (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
6. Brejo	Sucupirinha	Tupi	<i>Sewi'pira</i> design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. das <i>Papilionoidea</i> + suf. do lat.vulg. <i>-ína</i> . (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
7. Povoado	Sucupirinha	Tupi	<i>Sewi'pira</i> design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. <i>Papilionoidea</i> + suf. do lat.vulg. <i>-ína</i> . (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
8. Brejo	Raiz	Latim	<i>Radix</i> (base, parte inferior). (HOUAISS, 2009). Porção do eixo das plantas superiores que cresce para baixo, em geral dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e a água necessários à vida da planta (CUNHA, 2010, p. 545).	Fitotopônimo

9. Brejo	Buritzal	Tupi	<i>Mbiri'ti</i> (espécie de palmeira) (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
10. Povoado	Buritzal	Tupi	<i>Mbiri'ti</i> (espécie de palmeira) (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
11. Povoado	Jataí	Tupi	<i>Yeta'i</i> (design. comum a várias plantas, de diferentes gên., da fam. das palmas) (HOUAISS, 2009). cid. do Pará; de jataí, nome de uma árvore também chamada jatobá; é também o nome de uma pequena abelha silvestre. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 76).	Fitotopônimo
12. Lagoa	Jatobá, do	Tupi	<i>Yeti'wa</i> (design. comum às árvores do gên. Hymenaea, da fam. das leguminosas) (HOUAISS, 2009). Cid. de Goiás; de jatobá, nome de uma árvore leguminosa também chamada jataí. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 76).	Fitotopônimo
13. Povoado	Jatobá	Tupi	<i>Yeti'wa</i> (design. comum às árvores do gên. Hymenaea, da fam. das leguminosas) (HOUAISS, 2009). Cid. de Goiás; de jatobá, nome de uma árvore leguminosa também chamada jataí. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 76).	Fitotopônimo
14. Povoado	Mirindiba	Tupi	<i>Miri'ndiwa</i> (nome de planta, árvores) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
15. Brejo	Buritirana, da	Tupi	<i>Mbiriü'rana</i> (buriti cespitoso) (HOUAISS, 2009 e CUNHA, 2010). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
16. Povoado	Buritirana	Tupi	<i>Mbiriü'rana</i> (buriti cespitoso) (HOUAISS, 2009 e CUNHA, 2010). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
17. Povoado	Coqueiro	Obs.-Port.	Orig. Obscura (palmeira de até 30 m (<i>Cocos nucifera</i>), prov. originária das ilhas do Pacífico) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
18. Brejo	Bananeira, da	Obscura	<i>Banâna</i> Orig. obscura (design. comum às ervas do gên. <i>Musa</i> , da fam. das musáceas, semelhantes a árvores) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo

19. Povoado	Bananeira	Obscura	<i>Banána</i> Orig. obscura (design. comum às ervas do gên. Musa, da fam. das musáceas, semelhantes a árvores) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
20. Riacho	Sucupira	Tupi	<i>Sewi'pira</i> (design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. Papilionoídea) + suf. do lat.vulg. <i>-ína</i> . (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
21. Povoado	Sucupira Grande	Tupi - Latim	<i>Sewi'pira</i> (design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. Papilionoídea) + suf. do lat.vulg. <i>-ína - Grandis</i> (grande, avançado em idade, alto, sublime) (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
22. Povoado	Taboca	Tupi	Do tupi <i>ta'uoka</i> . Segundo o DHTP, tupi <i>ta'woka</i> 'taquara, haste oca ou furada de planta, da família das gramíneas, como o bambu'. Beaurepaire supõe substituição de <i>tábua</i> por um derivado taboca na loc. P e B 'levar (com) uma tabua/ tábua' (João Rib., Frases Feitas, I, 242); ver acepção em <i>tábua</i> ; c1767 <i>tabóca</i> . (HOUAISS, 2007). Taquara fig. logro, decepção (CUNHA, 2010, p. 617).	Fitotopônimo
23. Brejo	Taboca	Tupi	Do tupi <i>ta'uoka</i> . Segundo o DHTP, tupi <i>ta'woka</i> 'taquara, haste oca ou furada de planta, da família das gramíneas, como o bambu'. Beaurepaire supõe substituição de <i>tábua</i> por um derivado taboca na loc. P e B 'levar (com) uma tabua/ tábua' (João Rib., Frases Feitas, I, 242); ver acepção em <i>tábua</i> ; c1767 <i>tabóca</i> . (HOUAISS, 2007). Taquara fig. logro, decepção (CUNHA, 2010, p. 617).	Fitotopônimo
24. Riacho	Pau de Terra	Latim-Latim	Seu nome científico é <i>Qualé</i> , mais conhecido como pau-terra-do-amazonas (<i>Qualea pulcherrima</i>), apresenta etimo de origem obscura. Design. comum a diversas plantas da fam. das voquisíaceas. (Os termos <i>Pau</i> e <i>Terra</i> provém do latim) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
25. Riacho	Cabaceira	Obscura	<i>'Stifftia parviflora'</i> Orig. Obscura (árvore de até 4 m, da fam. das compostas) (HOUAISS, 2009). De origem desconhecida, certamente pré-romana	Fitotopônimo

			caabaceira, 'fruto da cabaceira' (CUNHA, 2010, p. 107).	
26. Povoado	Pau de Terra	Latim-Latim	Seu nome científico é <i>Qualé</i> , mais conhecido como pau-terra-do-amazonas (<i>Qualea pulcherrima</i>), apresenta etimo de origem obscura. Design. comum a diversas plantas da fam. das voquisíaceas. (Os termos <i>Pau</i> e <i>Terra</i> provém do latim) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
27. Brejo	Limeira	Latim	<i>Límā</i> (nome de unidade do coletivo 'lim') + suf.lat. <i>-arius</i> (indica nome de plnata ou árvore) <i>Limeira</i> : árvore pequena da fam. das rutáceas (<i>Citrus aurantifolia</i>) (HOUAISS, 2009). 'fruta da limeira, planta da fam. das rutáceas'. (CUNHA, 2010, p. 389).	Fitotopônimo
28. Povoado	Buriti Grosso	Tupi - Latim	<i>Mbürī'tī</i> (espécie de palmeira) - <i>Grossus</i> (de grande ou maior diâmetro, circunferência, volume, largura). (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
29. Povoado	Taboca, da	Tupi	Do tupi <i>ta'uoka</i> . Segundo o DHTP, tupi <i>ta'woka</i> 'taquara, haste oca ou furada de planta, da família das gramíneas, como o bambu'. Beaurepaire supõe substituição de <i>tábua</i> por um derivado taboca na loc. P e B 'levar (com) uma tabua/ tábua' (João Rib., Frases Feitas, I, 242); ver acepção em <i>tábua</i> ; c1767 <i>tabóca</i> . (HOUAISS, 2007). Taquara fig. logro, decepção (CUNHA, 2010, p. 617).	Fitotopônimo
30. Riacho	Mata Escondida, da	Latim - Latim	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres) - <i>Abscondo</i> ou <i>absconsum</i> (esconder, ocultar, perder de vista, desaparecer) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
31. Povoado	Mangaba	Tupi	<i>Ma'ngawa</i> (planta da fam. das apocináceas) (HOUAISS, 2009). Manguaba, cid. ao N da lagoa do mesmo nome, AL; possível alt. de mangaba, fruto de mangabeira, também chamado sorva. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 82).	Fitotopônimo
32. Baixa	Tatarema, da	Tupi	<i>Tatajuba - Tata'rema</i> (ta'ta 'fogo' e 'rema 'fedorento, que cheira mal'). Planta geralmente de porte grande que possui o tronco (ou caule) estabilizado no chão juntamente com suas raízes. Sua parte superior possui muitos galhos e folhas. Algumas delas são frutíferas. (HOUAISS, 2007).	Fitotopônimo

33. Fazenda	Caacupé	Tupi Guarani	<i>Ka'akupe ou Ka'aguy kupe</i> Caacupé - Vem do guarani, que significa erva atrás da montanha (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
34. Brejo	Buriti Comprido	Tupi - Latim	<i>Mbiri'ti</i> (espécie de palmeira) - <i>Complére</i> (extenso, longo) (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
35. Povoado	Buriti Comprido	Tupi - Latim	<i>Mbiri'ti</i> (espécie de palmeira) - <i>Complére</i> (extenso, longo) (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
36. Fazenda	Bacuri	Tupi	<i>Iwaku'ri</i> (espécie de palmeira, derivado de <i>i'wa</i> 'fruta, árvore') (HOUAISS, 2009). ilha do Pará; serra do E. de São Paulo; de bacuri, nome comum a várias plantas da fam. das gutíferas. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 27).	Fitotopônimo
37. Povoado	Bacaba	Tupi	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
38. Fazenda	Cajueiro	Tupi-Port.	<i>Aka'yu + -arius</i> Árvores e arbustos do gên. <i>Anacardium</i> (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
39. Povoado	Castanho	Obscura	<i>Castanèa,ae</i> (a madeira dessa árvore; a cor da casca do fruto 'a castanha') (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
40. Ribeirão	Castanho, do	Obscura	<i>Castanèa,ae</i> (a madeira dessa árvore; a cor da casca do fruto 'a castanha') (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
41. Povoado	Macaúba	Tupi	<i>Ma'kai'ba</i> (espécie de palmeira (<i>Acrocomia aculeata</i>) também conhecida como macaíba, bocaiuva e coco-de-catarro) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
42. Povoado	Buriti	Tupi	<i>Mbiri'ti</i> (espécie de palmeira) (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
43. Povoado	Floresta	Francês	<i>Forest</i> (vasta extensão de terreno povoado de árvores) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
44. Povoado	Cansanção	Obscura	Orig. Obsc. (arbusto urticante (<i>Jatropha vitifolia</i>) da fam. das euforbiáceas, nativo do Brasil) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
45. Ribeirão	Coco	Obscura	Orig. obscura (fruto do coqueiro. Design. comum às plantas do gên. <i>cocos</i>) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
46. Povoado	Coco	Obscura	Orig. obscura (fruto do coqueiro. Design. comum às plantas do gên. <i>cocos</i>) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo

47. Povoado	Pequizeiro	Tupi-Port.	<i>Pe'ki</i> (design. comum a árvores do gên. Caryocar, da fam. das cariocaráceas, de boa madeira) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
48. Rio	Cocal	Obs.-Port.	<i>Coco</i> (de origem controversa) + -al (suf. lat. -ális, -ále, formador de substantivos que denotam quantidade) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
49. Fazenda	Mirindiba	Tupi	<i>Miri'ndīwa</i> (nome de planta, árvores) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
50. Fazenda	Macaúba	Tupi	<i>Ma'kai'ba</i> (espécie de palmeira (<i>Acrocomia aculeata</i>) também conhecida como macaíba, bocaiuva e coco-de-catarro) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
51. Povoado	Mato Redondo	Latim - Latim	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres) - <i>Rotundus</i> (em forma de roda) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
52. Povoado	Flor do Tempo	Latim - Latim	<i>Flós</i> (estrutura reprodutiva das angiospermas) - <i>Tempus</i> (tempo, duração) (HOUAISS, 2009). Flor, órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas. (CUNHA, 2010, p. 296).	Fitotopônimo
53. Lagoa	Buritizinho, do	Tupi-Port.	<i>Mbürī'tī</i> (espécie de palmeira) + sufixo -zinho (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
54. Povoado	Buriti Grande	Tupi - Latim	<i>Mbürī'tī</i> (espécie de palmeira) - <i>Grandis</i> (grande) (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
55. Povoado	Forquilha	Espanhol	<i>Horquilla</i> (ramo de árvore ou arbusto que se bifurca, com o formato aprox. da letra Y; forqueta, pequena forca) (HOUAISS, 2007).	Fitotopônimo
56. Povoado	Campeira	Latim	Variedade de mandioca (fem. substv. de campeiro) (HOUAISS, 2007).	Fitotopônimo
57. Povoado	Pau-Ferrado	Latim - Latim	<i>Pálus</i> (madeira, pedaço dela) - <i>Ferrátus</i> (guarnecido de ferro, armado de ferro). Pau-ferrado design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, ger. de madeira muito dura de tronco liso, com manchas brancas, madeira duríssima, flores amarelas, vistosas e vagens levemente estipitadas; barbuzano, ibiraobi, imiraobi, jucá, muiraobi, muireita, pau-ferro, entre outros. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo

58. Ribeirão	Pau-Ferrado	Latim - Latim	<p><i>Pálus</i> (madeira, pedaço dela) - <i>Ferrátus</i> (guarnecido de ferro, armado de ferro). Pau-ferrado design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, ger. de madeira muito dura de tronco liso, com manchas brancas, madeira duríssima, flores amarelas, vistosas e vagens levemente estipitadas; barbuzano, ibiraobi, imiraobi, jucá, muiraobi, muireita, pau-ferro, entre outros. (HOUAISS, 2009).</p>	Fitotopônimo
59. Ribeirão	Laranja, da	Árabe	<i>Nárandja</i> (fruto da laranjeira 'árvore do gênero Citrus') (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
60. Povoado	Jenipapo	Tupi	<i>Yandí'pawa</i> (fruto do jenipapeiro) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
61. Povoado	Coco I	Obscura	Orig. obscura (fruto do coqueiro. Design. comum às plantas do gên. Cocos. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
62. Povoado	Coco II	Obscura	Orig. obscura (fruto do coqueiro. Design. comum às plantas do gên. cocos) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
63. Povoado	Cedro	Latim	<i>Cedrus</i> (1737), calcado no lat. cèdrus, i 'cedro (árvore), resina de cedro', do gr. Kédros (design. comum às árvores do gên. Cedrus, da fam. das pináceas). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
64. Rio	Coco	Obscura	Orig. obscura (fruto do coqueiro. Design. comum às plantas do gên. cocos). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
65. Povoado	Manacá	Tupi	<i>Maná'ka</i> (planta da família das solanáceas; design. comum a diversas plantas do gên. Brunfelsia, da fam. das solanáceas). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
66. Povoado	Anjelim (Angelim)	Tâmil	<i>Añjili</i> (design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, esp. dos gên. Andira e Hymenolobium). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
67. Povoado	Sucupira	Tupi	<i>Sucupira - Sewi'pira</i> (design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. papilionoídea, da fam. das leguminosas, esp. a várias do gên. Diplotropis). (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
68. Ribeirão	Jenipapo	Tupi	<i>Yandí'pawa</i> (fruto do jenipapeiro). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
69. Ribeirão	Cocalinho	Obs.-Port.	Coco (de origem controversa) + -al (suf. lat. -ális, -ále, formador de substantivos que denotam quantidade) + inho (diminutivo). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo

70. Ribeirão	Coco, do	Obscura	Orig. obscura (fruto do coqueiro. Design. comum às plantas do gên. cocos). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
71. Ribeirão	Sambaíba	Tupi	<i>Samba'iwa</i> (arbusto sarmentoso (Davilla latifolia) da fam. das dilleniáceas). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
72. Fazenda	Capim Branco	Tupi - Germânico	<i>Ka'a</i> (mato, erva, planta em geral, mata) + <i>Pii</i> (fino, delgado) - <i>Blanck</i> (brilhante, branco, límpido). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
73. Fazenda	Pati	Tupi	<i>Pa'ti</i> (espécie de palmeira, literalmente árvore que se eleva). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
74. Fazenda	Anjico	Obscura	Orig. Obscura (design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, subfam. <i>mimosoidea</i> , esp. dos gêneros <i>Piptadenia</i>). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
75. Povoado	Matas	Latim	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
76. Povoado	Araçá	Tupi	<i>Ara'sa</i> (design. comum a vários arbustos e árvores dos gên. <i>Psidium</i> e <i>Campomanesia</i>). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
77. Ribeirão	Araçá, do	Tupi	<i>Ara'sa</i> (design. comum a vários arbustos e árvores dos gên. <i>Psidium</i> e <i>Campomanesia</i>). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
78. Ribeirão	Buriti Grande	Tupi - Latim	<i>Mbür'i'ti</i> (espécie de palmeira) - <i>Grandis</i> (grande). (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
79. Ribeirão	Bacaba	Tupi	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
80. Povoado	Bacaba	Tupi	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
81. Povoado	Jurema	Tupi	<i>Jurema</i> (árvore (<i>Pithecellobium tortum</i>) da fam. das leguminosas, subfam. <i>mimosoídea</i> , nativa do Brasil). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
82. Ribeirão	Mato Grosso	Latim - Latim	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres) - <i>Grossus</i> (que tem grande diâmetro ou espessura). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
83. Fazenda	Araçá, do	Tupi	<i>Ara'sa</i> (design. comum a vários arbustos e árvores dos gên. <i>Psidium</i> e <i>Campomanesia</i>). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
84. Fazenda	Bacaba	Tupi	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
85. Riacho	Matão	Latim-Port.	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
86. Povoado	Bacaba dos Martins	Tupi - Latim	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda) (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo

87. Brejo	Palha, da	Latim	<i>Palèa</i> (haste seca de certas gramíneas, esp. de cereais). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
88. Povoado	Bacaba do Ouriço	Tupi - Latim	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda) - <i>Ericius</i> (ouriço 'design. comum a diversos pequenos mamíferos da fam. dos erinaceídeos'). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
89. Povoado	Cajá	Tupi	<i>Ka'ya</i> (fruto de caroço cheio, fruto que é todo caroço). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
90. Povoado	Bacuri	Tupi	<i>Iwaku'ri</i> (espécie de palmeira, derivado de <i>i'wa</i> 'fruta, árvore'). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
91. Povoado	Mato do Coco	Latim - Obs.	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres) - Orig. Obs. (design. comum às plantas do gên. <i>Cocos</i> , da fam. das palmas). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
92. Riacho	Palmeira	Latim	Design. comum às plantas da fam. das palmas, esp. às de porte arbóreo (palma + -eira): <i>Palma</i> 'família (<i>Palmae</i>) da ordem das arecales, que reúne 203 gêneros' + - <i>arius</i> 'formador de subs. Nomes de plantas, árvores'. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
93. Povoado	Bacabinha	Tupi-Port.	<i>Iwa'kawa</i> -> <i>i'wa</i> (fruta) + <i>'kawa</i> (gorda) + sufixo <i>-inha</i> . (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
94. Riacho	Matão, do	Latim-Port.	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
95. Povoado	Poleiro	Latim	Vara disposta horizontalmente em que as aves pousam e dormem (polo + -eiro): <i>Pullus</i> 'eixo' + <i>-arius</i> 'formador de substantivos'. (HOUAISS, 2010). Vara onde as aves pousam e dormem, na gaiola ou na capoeira (FERREIRA 2009, p. 1588).	Fitotopônimo
96. Povoado	Carvalhada	Obscura	Extenso aglomerado de carvalhos em determinada área; carvalheira (carvalho + -ada): Org. Obsc. 'design. comum a árvores e arbustos do gên. <i>Quercus</i> , da fam. das fagáceas' + <i>-áta</i> 'formador de subs. Coletivos'. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
97. Povoado	Matinha	Latim-Port.	<i>Matta</i> (área coberta de plantas silvestres) + sufixo diminutivo do lat. <i>-ínu</i> . (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
98. Povoado	Tiririca	Tupi	<i>Tiri'rika</i> , de <i>tiri'i</i> 'arrastar-se' (porque é planta rasteira que se alastra). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
99. Povoado	Poleiro	Latim	Vara disposta horizontalmente em que as aves pousam e dormem (polo + -eiro):	Fitotopônimo

				<i>Pullus</i> 'eixo' + <i>-arius</i> 'formador de substantivos'. (HOUAISS, 2009).	
100.	Brejo	Laranja, da	Árabe	<i>Nárandja</i> (fruto da laranjeira 'árvore do gênero Citrus'). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
101.	Morro	Laranja, da	Árabe	<i>Nárandja</i> (fruto da laranjeira 'árvore do gênero Citrus'). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
102.	Povoado	Cocalinho	Obs.-Port.	Coco (de origem controversa) + -al (suf. lat. -ális,-ále, formador de substantivos que denotam quantidade) + inho (diminutivo). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
103.	Povoado	Sucupira	Tupi	<i>Sewi'pira</i> (design. comum a muitas árvores de diferentes gên. da subfam. Papilionoídea). (HOUAISS, 2009). Nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (CUNHA, 2010, p. 611).	Fitotopônimo
104.	Fazenda	Flor do Tempo	Latim-Latim	<i>Flós</i> (estrutura reprodutiva das angiospermas) - <i>Tempus</i> (tempo, duração). (HOUAISS, 2009). Flor, órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas. (CUNHA, 2010, p. 296).	Fitotopônimo
105.	Povoado	Cocal	Obs.-Port.	Coco (de origem controversa) + -al (suf. lat. -ális,-ále, formador de substantivos que denotam quantidade). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
106.	Povoado	Inajá	Tupi	<i>Ina'ya</i> (palmeira de até 20 m (Maximiliana maripa). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
107.	Povoado	Flor do Tempo I	Latim-Latim	<i>Flós</i> (estrutura reprodutiva das angiospermas) - <i>Tempus</i> (tempo, duração). (HOUAISS, 2009). Flor, órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas. (CUNHA, 2010, p. 296).	Fitotopônimo
108.	Povoado	Flor do Tempo II	Latim-Latim	<i>Flós</i> (estrutura reprodutiva das angiospermas) - <i>Tempus</i> (tempo, duração). (HOUAISS, 2009), Flor, órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas. (CUNHA, 2010, p. 296).	Fitotopônimo
109.	Ribeirão	Flor do Tempo	Latim-Latim	<i>Flós</i> (estrutura reprodutiva das angiospermas) - <i>Tempus</i> (tempo, duração). (HOUAISS, 2009). Flor, órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas. (CUNHA, 2010, p. 296).	Fitotopônimo
110.	Brejo	Tinguis, dos	Tupi	<i>Ti'ngui</i> (planta leguminosa, cuja seiva tóxica é us. para envenenar peixes). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo

111.	Morro	Capim Duro, do	Tupi-Latim	<i>Ka'pii</i> (este de <i>ka'a</i> 'mato, erva, planta em geral, mata' + <i>pii</i> 'fino, delgado) - Latim <i>dúrus</i> (duro, firme, sólido, cruel, inflexível, penoso). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
112.	Serra	Buritirana	Tupi	<i>Mbiriti'rana</i> (buriti cespitoso). (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
113.	Fazenda	Buritirana	Tupi	<i>Mbiriti'rana</i> (buriti cespitoso). (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo
114.	Riacho	Jenipapo, do	Tupi	<i>Yandi'pawa</i> (fruto do jenipapeiro). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
115.	Riacho	Espinho, do	Português	Lat. <i>Spinus</i> 'espinho, órgão axial ou apendicular, duro e pontiagudo'. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
116.	Riacho	Macaúba	Tupi	<i>Ma'kai'ba</i> (espécie de palmeira (<i>Acrocomia aculeata</i>) também conhecida como macaíba, bocaiuva e coco-de-catarro). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
117.	Povoado	Folha Larga	Latim-Latim	<i>Latin Folium</i> (folha, folha de escrever; órgão, ger. laminar e verde, das plantas floríferas ou fanerógamas).- <i>Latin Largus</i> (abundante, rico, generoso, solto). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
118.	Povoado	Coivara	Tupi	<i>Coibara, Coivara</i> , quantidade de ramagens a que se põe fogo nas roçadas para desembaraçar o terreno e adubá-lo com as cinzas, facilitando a cultura. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
119.	Povoado	Faveira	Latim-Port.	F. lat. <i>Fabaria</i> . Planta trepadeira, o mesmo que amendoim-de-veado. (Prov. port.) A planta que produz a fava. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
120.	Povoado	Buriti Só	Tupi-Latim	<i>Mbiri'ti</i> (espécie de palmeira) - latim sólus, a, um 'só, solitário, sem companhia'. (HOUAISS, 2009). Buriti, rio e cid. do Maranhão; rio de Mato Grosso; serra do Piauí; de buriti, nome de uma palmeira das regiões tropicais. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 32).	Fitotopônimo

121.	Povoado	Mato Escuro	Latim-Latim	Latim <i>matta</i> - Escuro, do latim obscuros. (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
122.	Riacho	Cocal, do	Obs.-Port.	Coco (de origem controversa) + -al (suf. lat. -ális,-ále, formador de substantivos que denotam quantidade). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
123.	Riacho	Pindaíba, do	Tupi	<i>Pina'iua</i> (pi'na 'anzol' + 'iua 'haste'. Variação (penaíba, pindahyba, pindaíba). (HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
124.	Povoado	Mangabeira	Tupi + Latim	Mangaba (tupi <i>ma'ngawa</i>) + -eira (sufixo latino -aria, -arius). Mangabeiras, (mangaba + -eira); forma histórica: 1587 mangabeiras, c1594 mágabeiras, c1631 mangaueira, 1763 mangaveiras. (HOUAISS, 2009). Manguaba, cid. ao N da lagoa do mesmo nome, AL; possível alt. de mangaba, fruto de mangabeira, também chamado sorva. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 82).	Fitotopônimo
125.	Povoado	Coroatá	Tupi	Coroatá, cidade do Maranhão, do tupi <i>kara'wata</i> , 'coroá rijo'. Houve uma assimilação regressiva do 'a' e do 'o' na forma de transição 'coroatá'. Designação comum às plantas de vários gêneros da família das bromeliáceas; epífitas e terrestres, muitas são cultivadas como ornamentais; caroatá; caruatá; coroá; craguatá; croá; gravatá. (NASCENTES, 1952, p. 81 e HOUAISS, 2009).	Fitotopônimo
126.	Povoado	Partido	Latim	Partido, do latim <i>partitus, a, um</i> ; participípio do verbo latino <i>partire</i> . Grande extensão de terreno plantado de cana-de-açúcar (AULETE ONLINE).	Fitotopônimo
127.	Povoado	Taboca	Tupi	Do tupi <i>ta'uoka</i> . Segundo o DHTP, tupi <i>ta'woka</i> 'taquara, haste oca ou furada de planta, da família das gramíneas, como o bambu'. Beaurepaire supõe substituição de <i>tábua</i> por um derivado taboca na loc. P e B 'levar (com) uma tabua/ tábua' (João Rib., Frases Feitas, I, 242); ver acepção em <i>tábua</i> ; c1767 <i>tabóca</i> . (HOUAISS, 2007).	Fitotopônimo
128.	Povoado	Coroatá	Tupi	Coroatá, cidade do Maranhão, do tupi <i>kara'wata</i> , 'coroá rijo'. Houve uma assimilação regressiva do 'a' e do 'o' na forma de transição 'coroatá'. Designação comum às plantas de vários gêneros da	Fitotopônimo

				família das bromeliáceas; epífitas e terrestres, muitas são cultivadas como ornamentais; <i>caroatá</i> ; <i>caruatá</i> ; <i>coroá</i> ; <i>craguatá</i> ; <i>croá</i> ; <i>gravatá</i> . (NASCENTES, 1952, p. 81 e HOUAISS, 2009).	
129. Ribeirão	Cajá, do	Tupi		Cajá, do tupi <i>aka'ia</i> 'nome comum a diversas plantas'. Variantes: <i>cajá</i> , <i>caja</i> , <i>cajáses</i> , <i>caia</i> , <i>cajâ</i> , <i>cajazes</i> , <i>acayá</i> , <i>acaiá</i> , <i>acaya</i> , <i>acajá</i> (CUNHA, 1999, p. 85).	Fitotopônimo
130. Povoado	Cajá	Tupi		Cajá, do tupi <i>aka'ia</i> 'nome comum a diversas plantas'. Variantes: <i>cajá</i> , <i>caja</i> , <i>cajáses</i> , <i>caia</i> , <i>cajâ</i> , <i>cajazes</i> , <i>acayá</i> , <i>acaiá</i> , <i>acaya</i> , <i>acajá</i> (CUNHA, 1999, p. 85).	Fitotopônimo
131. Povoado	Catingueiro	Tupi-Port.		Catingueiro, da caatinga, ou que vive ou habita na caatinga. Do tupi, <i>kaa'tina</i> (ka' a 'mato' + 'tina 'branco, claro'. Variantes: <i>caátinga</i> , <i>catinga</i> , <i>caâtiga</i> , <i>caatinga</i> , <i>caatinga</i> (CUNHA, 1978, p. 78).	Fitotopônimo
132. Fazenda	Croatá (Coroatá)	Tupi		Coroatá, cidade do Maranhão, do tupi <i>kara'wata</i> , 'coroá rijo'. Houve uma assimilação regressiva do 'a' e do 'o' na forma de transição 'coroatá'. Designação comum às plantas de vários gêneros da família das bromeliáceas; epífitas e terrestres, muitas são cultivadas como ornamentais; <i>caroatá</i> ; <i>caruatá</i> ; <i>coroá</i> ; <i>craguatá</i> ; <i>croá</i> ; <i>gravatá</i> . (NASCENTES, 1952, p. 81 e HOUAISS, 2009)	Fitotopônimo

Fonte: Elaboração da autora.

Como já relatado, os fitotopônimos são relativos a elementos vegetais como plantas, árvores, frutos, arbustos etc. Sua maior incidência ocorreu em topônimos relativos à família das palmeiras. Este fenômeno pode ser explicado pelo fato de o estado do Maranhão estar inserido na mata dos cocais. Essa Mata ou Zona dos Cocais, é um inter espaço transicional brasileiro, que fica entre a Floresta amazônica, o Cerrado e a Caatinga, ocupando os estados do Maranhão e Piauí, conhecido como Meio-Norte brasileiro. Pode-se citar como exemplos dessas ocorrências, a macaúba, buriti, bacaba, buritirana, inajá, tucumã, babaçu, entre outros.

Em relação aos topônimos que mais se repetiram, destaca-se o topônimo *Buriti*, que apresentou 14 ocorrências. Em alguns casos veio acompanhado por outro elemento formador, como povoado *Buriti Grosso*, brejo *Buriti Comprido*, povoado *Buriti Grande* e povoado *Buriti Só*. Em outros casos, o termo aparece sozinho, como povoado *Buriti*, ou mesmo sofrendo justaposição, no caso de brejo *Buritzal*, brejo da *Buritirana* e lagoa do *Buritizinho*. Identifica-

se também a presença de muitas ocorrências relativas ao elemento coco, como povoado *Cocal*, fazenda *Coqueiro*, povoado *Coco I*, rio *Coco*, ribeirão *do Coco*, povoado *Mato do Coco* e povoado *Cocalinho*.

Os fitotopônimos analisados abordam diferentes temáticas adjetivas no que diz respeito às relações do topônimo e da nomeação atribuída. Alguns exemplos dessas temáticas são o uso de termos que especificam dimensões, sobrenomes e características dos topônimos, como *Buriti Grosso*, *Sucupira Grande*, *Pau da Terra*, *Mata Escondida*, *Buriti Comprido*, *Mato Redondo*, *Flor do Tempo*, *Capim Branco*, *Bacaba dos Martins*, *Bacaba do Ouriço*, *Mato do Coco*, *Capim Duro*, *Folha Larga*, *Buriti Só* e *Mato Escuro*. Esses adjetivos caracterizam o topônimo manifestando tanto a relação do indivíduo nomeador no ato da nomeação, como também apontam o ambiente e os elementos que constituem o topônimo como no caso de *Buriti Grosso* e *Sucupira Grande*, que revelam as dimensões e espessuras dos vegetais, enquanto *Bacaba dos Martins* remete ao possível sobrenome latim, e *Mata Escondida* e *Mato Escuro* denotam as particularidades do ambiente.

Como dito anteriormente, os povoados foram os elementos geográficos mais recorrentes, tanto em relação aos fitotopônimos em geral como aos fitotopônimos de origem indígena.

Como demonstra o Quadro 5, pode-se analisar as vertentes e ramificações morfológicas estruturais dos topônimos de origem indígena. Observa-se que na transcrição de palavras das línguas indígenas é possível valer-se do emprego das letras *k*, *w* e *y*, além de *s* com o valor de *ç* ou *ss*.

Quadro 5: Amostra da transcrição vocabular de termos do Tupinambá.

Mangabeiras - Ma'naua	Bacaba - Iwa'kawa
Mandacaru - Yamandaka'ru	Caju - Aka'yu
Sucupira - Sewi'pira	Macáuba - Ma'kaí'ba
Raiz - Radix	Pequi - Pe'ki
Buriti - Mbürü'tü	Jenipapo - Yandí'pawa
Jataí - Yeta'i	Angelim - Añjili
Jatobá - Yeti'wa	Sambaíba - Samba'íwa
Mirindiba - Miri'ndiwa	Capim - Ka'a pii
Taboca - Ta'woka	Araçá - Ara'sa
Mangaba - Ma'ngawa	Jurema - Yurema
Caacupé - Ka'akupe	Cajá - Ka'ya

Fonte: Elaboração da autora.

Os exemplos antes elencados, em sua maioria relatam, por meio da presença das letras mencionadas anteriormente, a raiz gramatical originalmente indígena. Rodrigues (1986) destaca que as línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas europeias e demais línguas do mundo no conjunto de sons de que se servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica). Ainda segundo este autor, o sistema de sons do Tupinambá comporta quatro consoantes oclusivas (caracterizadas pela completa interrupção da corrente de ar no aparelho fonador), todas surdas (não associadas a vibrações das cordas vocais): uma labial p (pó "mão"), uma dental t (ítá "pedra"), uma velar k (kó "roça") e uma glotal ' (á "fruta").

Garcia (1962) informa que no código jesuítico escrito em terras de Piratininga, podem-se surpreender variados aspectos da cultura indígena, dos quais o mais interessante parece ser o conhecimento dos processos de nomenclatura empregados pelo índio para a classificação das espécies vegetais. Admite alguns estudiosos do assunto que o batismo dos elementos florais era objeto de assembleias especiais em que depois de longos debates se procurava chegar a um nome que reunisse a unanimidade dos pareceres que eram depois submetidos à experiência de um conselho de anciões. (GARCIA, 1962, p. 426).

O autor cita o exemplo de *caá*, que se refere a mato, erva ou folha, em que este radical genérico assume particular importância na designação do *caa'p'ii*, que transitou para a forma *capim*; nome pelo qual se conhecem em todas as direções do território nacional o importante vegetal forrageiro; aponta ainda que certos sufixos como *-rana*, *eté*, *-tinga*, *-yuba*, *-piranga*, *-atã*, *-mirim*, *-guacu*, *-taia*, *-ee*, *-catinga*, *-nema*, *-igapoana*, *-poca*, *-pinima*, etc., são identificadores de espécies vegetais na incipiente classificação científica do indígena.

Esses dados reforçam a constatação da presença da língua indígena tupi no território sul maranhense, notadamente de Balsas, com fitotopônimos como **Bacaba** - *Iwa'kawa* -> *i'wa*, **Buritirana** - *Mbiriti'rana*, **Jurema** - Yurema, Sucupira - *Sewi'pira*, por exemplo, e tantos outros que trazem especificidades do tupinambá nestas terras, como com **Mangabeiras** - *Ma'naua*, **Sambaíba** - *Samba'iwa*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As apreensões inicialmente assinaladas, a partir dos estudos e aportes teóricos, apontam a multiplicidade de topônimos nomeados pelos povos indígenas encontrados no município de Balsas, os quais estão correlacionados com a “Natureza”, pois este lhes é um ponto chave em questões espirituais no que tange suas crenças, seus costumes, sua cultura, sua habitação, sua sobrevivência, sustento e, claro, sua história.

Os povos indígenas que viveram e vivem no Estado do Maranhão passaram por muitas lutas territoriais e infelizmente muitos perderam sua vida para “conquistarem” seu espaço como habitante nativo. Os garimpeiros, fazendeiros, posseiros, em especial o “homem branco”, extinguiram muitos povos, línguas e culturas, mas não os excluíram por inteiro, pois o rastro linguístico indígena percorre toda a extensão territorial maranhense como marco de sua passagem.

O resultado do levantamento demonstrou maior ocorrência de fitotopônimos de natureza antropocultural, que dizem respeito à ação do homem sobre o ambiente. Pôde-se perceber, durante a coleta e análise dos dados, que os topônimos de natureza antropocultural se sobressaíram de forma expressiva sobre os topônimos de natureza física. Esse fato se deu devido à ocupação humana sobre esses territórios com a construção de moradias, como no caso da grande ocorrência dos elementos geográficos “povoados”, de cunho antropocultural, além do manuseio da agricultura e pecuária, dentre outros fatores que acabaram por favorecer a expansão de ambientes propícios para a habitação humana que ocasionaram consequentemente na multiplicidade desses topônimos referenciando as fazendas.

Os fitotopônimos, enquanto taxonomia analisada no corpus deste trabalho, desmistifica a grande variedade toponímica indígena com mais de 50% das ocorrências.

De acordo com os dados coletados, percebe-se que os topônimos variam bastante quanto às espécies denominadas, ocorrendo desde referências a plantas rasteiras e comuns a referências a árvores de grande porte de nomes menos populares. Porém, alguns elementos se destacam em produtividade, pois ocorre repetidamente no município. É o caso dos topônimos *Capim*, *Cajueiro*, *Coqueiro*, *Cocal*, *Cocalinho*, *Buritirana*, *Mata*, *Mangabeira*, *Mirindiba*, *Buritzal*, *Taboca* e *Araçá*. Estas ocorrências se encontram em quase todo o território do município, sendo, portanto, os elementos específicos mais recorrentes dentre todas as ocorrências, os quais expressam realmente a vegetação local.

Compreende-se, portanto, que os dados alcançados afirmam que o município de Balsas apresenta uma variedade linguística riquíssima em étimos indígenas por razões que tange a

ocupação desses povos no ambiente demarcado, a relação entre homem e ambiente e a pluralidade de elementos vegetais. A Toponímia, através de seus estudos, esforça-se não somente em resgatar as origens dos nomes propriamente ditos, mas pela herança social e cultural adentrada em cada topônimo.

Desse modo, depreende-se que a toponímia indígena é um grande resquício da história da formação do povo deste território, como afirma Rodrigues (1986), com uma grande quantidade de lugares com nomes do tupi antigo, com poucas alterações, os quais, em sua maioria, foram atribuídos pelos luso-brasileiros em suas conquistas deste território. Se é resquício de história, também o é de memória. Pierre Nora lembra essa estreita e recíproca relação entre memória e da história, simbolizadas e significadas materialmente no léxico toponímico, notadamente fitotoponímico.

Retoma-se Castro, que aponta que

“Os topônimos, para além da língua, são produtos da história, a qual se torna fonte útil para nos ajudar a decifrar o significado deles. Alguns têm sido mais bem compreendidos por meio de pesquisas etimológicas e da revelação de eventos históricos, por vezes marginais ou acidentais. Esta simbiose entre a Linguística Histórica e a História é bastante conhecida dos estudiosos da Toponímia”. (CASTRO, 2012. p.317).

Conclui-se, portanto, que a Toponímia busca discutir e explicar os processos e as motivações das escolhas dos nomes de lugares, além dos aspectos de natureza cultural e linguística desses nomes. Desta forma o ambiente passa a carregar traços históricos, linguísticos e culturais do ato da nomeação, memórias de povos, de suas línguas, de suas crenças e tradições.

Acredita-se, portanto, ter respondido o questionamento sobre as principais motivações dos topônimos de origem indígena no município de Balsas, bem como o objetivo desta pesquisa, o de analisar o inventário léxico-toponímico indígena, em especial os fitotopônimos, com discussões sobre a importância destes itens lexicais nos estudos toponímicos.

Esta pesquisa é inesgotável e pretende-se aprofundá-la em um trabalho futuro sobre os estudos do léxico, na pós-graduação.

8 REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Fundamentos da Lexicologia. In: Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Dimensões da Palavra.** Filologia e Lingüística Portuguesa, n. 2, 1998, p. 81-118.

BRASIL . Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio. Brasília: MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2022/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf Acesso em: 04 abril 2022.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos.** São Paulo: Atlas, 2016.

CASTRO, Maria Célia Dias de. **Toponímia Maranhense:** Um percurso semiótico do texto ao contexto sócio-histórico. Caderno Seminal Digital Ano 18, no 18, V. 18 (Jul-Dez/2012).

CASTRO, Maria Célia Dias de. **Maranhão** [manuscrito]: sua Toponímia, sua história. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

CASTRO, Maria Célia Dias de. **Toponímia Maranhense:** Referência e Prototípicidade. Estudos linguístico-literários: Reflexões Teóricas e Práticas. Editora UEMA, Maranhão, 2016.

CASTRO. Maria Célia Dias de. Atlas Toponímico do Estado do Maranhão: Uma proposta de análise da Macrotoponímia. **Caderno Seminal Digital**, ano 23, nº 28, v.1, 2017.

CABRAL. Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado:** conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

CAVALCANTE, L. B. S. **Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS:** região do Imbirussu. 2016. 272fl. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

CHIERCHIA, G. **Semântica.** Campinas: Ed. da Unicamp/Eduel, 2003

CIMI-MA: **Povos indígenas no Maranhão:** Exemplo de resistência. São Luis, 1988

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.** São Paulo. Ed.: Companhia Melhoramentos. 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro. Ed.: Lexikon. 2010.

DIAS, Luiz Francisco. **Formações nominais designativas da língua do Brasil:** uma abordagem enunciativa. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan./jun. 2013.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antropónima no Brasil.** Coletânea de Estudos. 3ed. – São Paulo, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II.** Revista Trama - Volume 3 - Número 5 - 1º Semestre de 2007 - p.141-155.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição do Bororo à Toponímia Brasílica.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.

GARCIA, Rozendo Sampaio. **Considerações sobre a Fitonímia Tupi-Guarani registrada no primeiro século da conquista.** Revista do museu Paulista. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai. São Paulo, 1961. Disponível em: www.etnolinguistica.org

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes.** São Paulo. Ed.: Ave Maria LTDA. 1973

GUIRAUD, P. **A Semântica.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua Portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2009 (CD-ROM).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. IBGE/CIDADES. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma>> Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

ISQUERDO, A. N, FINATTO, M. J. B. **As Ciências do Léxico:** Lexicologia, Lexicografia, Terminologia - Volume IV. Campo Grande, MS: Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico em tempo e espaço: A questão dos regionalismos.** In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves. (orgs). **História, região e identidades.** Campo Grande, MS: UFMS, 2003.

KRENAK, Ailton. **Ecologia Política.** CARTA/MANIFESTO/LETTER. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia - ETHNOSCIENTIA, V. 3 (n.2 especial), www.ethnscientia.com 10.22276/ethnoscientia.v3i2.193, 2018.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1981.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita:** atividade de retextualização- 4^a ed – São Paulo, Cortez, 2003.

MOTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela. H. **Produção Textual na universidade.** São Paulo: Parábola, 2010, p. 60.

NUNES, Veronica Ramalho; ANDRADE, Karylleila Santos. **O onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos parâmetros curriculares do ensino fundamental de geografia: um estudo preliminar com foco na toponímia.** Disponível: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/379>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. Les Lieux de memoire. I la republique, Paris, Gallimard, 1984, pp, XVIII – XLII. Tradução autorizada pelo editor Editions Gallimard 1984.

PIOVESAN, Marta Helena Facco. **A construção de identidades. (Des)encontros no Sul do Maranhão.** Curitiba, Editora CRV, 2020.

RIBEIRO, Francisco de Paula. **Memórias dos sertões maranhenses**/Francisco de Paula Ribeiro; reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins. – São Paulo: Siciliano, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras:** para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional.** Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo, 1901.

SAPIR, Edward. **Língua e ambiente (1969).** Lingüística como ciência. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa.** 1^a Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Alexandre Melo. **Atlas Toponímico do Estado do Ceará (Projeto ATEC):** Primeiras notícias. 2008.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi.** São Paulo: Traço, 1997.